ANNO XXVI — N.º 40
Rio, 1 de Outubro de 1932
— PREÇO: 1$000 —
FON FON

A confiança exclue a duvida

Quando ensaiamos nadar pela primeira vez, dominanos o medo; desde, porém, que conseguimos vencel-o, graças a um braço protector, o medo se transforma em inteira confiança.

O mesmo occorre com a saude. Depois de havermos conseguido, uma vez, dominar a dôr com

o remedio de confiança

temos a certeza da victoria sempre que de novo ella appareça.

Para as dôres de cabeça, dentes, ouvidos; nevralgias, enxaquecas; colicas das senhoras; resfriados, etc. Levanta as forças, reanima e é totalmente inoffensivo.

CAFIASPIRINA

o remedio de confiança

O conto brasileiro

Um caso de amôr

(A Martins Capistrano, homenagem da mais alta admiração)

De Lucia de Moraes

TENHO um medo horrivel que você tome um dia cocaina...

—Por que ?

—Você é tão ávida de emoções, tão "exquisita", tão paradoxal, que deseja sempre as sensações mais fórtes... E eu, que sou médico e sei, portanto, mais que qualquer outro, o effeito terrivel desse toxico, tenho um grande receio que você o queira provar um dia, na sua sêde de novas emoções...

Lila soltou uma pequena risada estridula, que mostrou por momentos a brancura invejavel dos seus dentes fórtes. Depois acariciando o rosto moreno do amante adorado, entre um beijo, disse-lhe, sorrindo :

—Não, Pedro, já que você o quer, eu nunca provarei cocaina. Si você já é a minha querida cocaina, que me entontece, me embriaga, me dá emoções desconhecidas e deliciosas... Quero-o muito, meu amôr, meu veneno branco adorado!

E, numa sêde de desejos, colou a sua bôcca carminada na bôcca sensual de Pedro, sorvendo, com voluptuosa lentidão, o seu beijo de amôr...

—Querida, eu a amo ! Estou disposto a fazer as maiores loucuras por você. Diga-me si quer ser minha, eternamente, só minha, exclusivamente minha...

Os olhos claros de Lila se entristeceram. Lembrou-se num relance, do marido que não amava... Como Pedro era differente ! Com que expressão encantadora elle lhe sabia dizer as mesmas palavras que o outro lhe dizia e que aos seus ouvidos soavam banaes e sem valor !... Ser do amante, só do amante, viver delle e para elle ! Sentil-o a todo o momento junto de si, ser o seu anjo tutelar, animando-o quando o visse desalentado, incentivando-o quando o sentisse fraquejar... Sim, era bem esse o seu desejo. Mas, o escandalo? A pequena cidade provinciana, coberta ainda pelo pó das tradições passadas, olharia com olhos reprovadores aquella loucura de amôr. Falariam, chamal-a-iam perdida, desavergonhada, quando o seu unico crime era amar o amôr prohibido. Não, não podia dar esse escandalo, por causa de sua filhinha.. Que nome deshonrado herdaria a innocentinha, fechando-lhe as portas das casas honestas ! E algum dia, mais tarde, quando gostasse de um rapaz honesto e digno, esse não a desposaria, porque ella traria no sangue o mesmo sangue de sua mãe... Não, mil vezes não ! E seus olhos se encheram de lagrimas, que Pedro bebeu, como si comprehendesse bem a causa daquelle pranto...

—Pobre querida !

Uma fabrica de tecidos, perto, apitou quatro horas. Lila se desprendeu, ligeira, dos braços do amante, dizendo-lhe, com vóz trémula :

—Adeus !

Nunca lhe déra um adeus tão sentido assim. Nunca o beijára com tanto ardor, nunca o abraçára tão tremula de febre. Porque ella sabia que aquelle era o ultimo adeus. Já murmuravam na pequena cidade e era preciso recuar, antes que a sua reputação ficasse irremediavelmente compromettida...

* * *

Agóra, Lila toma cocaina para esquecêl-o. De um pharmaceutico pouco escrupuloso, a quem comprou com pequenos favores, consegue as dóses desejadas. Tem horas de verdadeiro delirio, e vê-se nos braços amorosos de Pedro, que lhe sorri e a anima sempre com as suas doces palavras de amôr...

Este, quando a encontra nos cinemas e nas

(Continúa na pag. seguinte)

EVA E A SERPENTE

EVA — chama-se Eva por capricho expresso de seus papás — com os cotovelos apoiados na mesa e o queixo entre as palmas das mãos, escuta, com olhar distante, as melodias de uma orchestra de *balalaikas*. Embora haja em torno della outras moças que falam e riem, Eva se encontra nessa especialissima disposição espiritual que ergue em redor de nós uma barreira isoladora.

Fóra, accesos os revérberos e os arcos sobre um céo violeta, palpita a *hora-cinza*, essa hora bruxa das cidades cúmplices do outomno... Eva sente, sem saber por que, a difusa fascinação da hora. Alheia aos risos, aos cochichos, aos commentarios que se agitam em torno della, só tem ouvidos para uma vozinha mysteriosa, que desde alguns instantes começou a sussurrar a seu ouvido certas palavras confusas, embotadas nos rumores da sala, e que ella, a principio, não comprehende...

De onde póde sahir aquella voz mysteriosa? O *garçon*, vestido de *mujik*, não póde ser... Nenhum de seus tres *flirts*, tambem — o das terças-feiras, o das quintas e o dos sabbados, — porque precisamente faltaram á hora do chá... Suas amigas, cansadas de supportar seu mutismo, tambem não lhe dão importancia... Quem, então?

Eva lança um olhar em torno. E (quem o havia de dizer?) nota que, em sua bolsa, uma *pelle de serpente* legitima que seu papá lhe trouxe quando regressou de sua ultima viagem a Londres, se operou uma transformação curiosissima... Dir-se-ia que ondulava, que palpitava nella uma occulta vida mysteriosa... A cabecinha chata, incrustada de rubis, que cáe sobre um de seus hombros, a olha de um modo scintillante, malicioso, agitando no ar a linguazinha bifida. E sobre a toalha, branca e vermelha, deslisando entre as taças de porcelana de Rosenthal, graciosas como corolas transparentes, até parece haver iniciado um movimento de desafio, que se dirige lentissimamente para ella...

Eva olha-a com curiosidade. Uma remota affinidade estranha a enlaça em não sabe que indefinido sentimento, mixto de sympathia e repulsa, ao animalzinho, e naquelle brilho de rubis accesos ha qualquer coisa que é, para ella, remotamente familiar...

De repente... é seu nome. Seu nome claramente pronunciado pela vozinha débil que vae até seu ouvido como um suave ruido de crystal.

— Eva, não me conheces?

A cabecinha chata levantou-se para ella, e a bocca dilatada tem um sorriso quasi humano.

— Eva — torna a dizer a voz — é possivel que já não me conheças? Sou a neta daquella que tanto conversou com avozinha Eva, a *outra* Eva, menos loira e menos bonita que tu. Si me levantasses um pouco até a altura de teu ouvido..., quantas coisas eu te poderia contar! Porque este maldito broche de oiro pesa tanto que me é impossivel subir até ti, como seria meu desejo...

Eva, machinalmente, toma a carteira nas mãos abre-a, tira o es-

UM CASO DE AMOR — (Conclusão)

casas de chá, pelo braço austero do marido, com as suas pupillas dilatadas e as narinas frementes, instinctivamente, treme. Adivinha que a sua antiga amante busca no horrivel veneno o repouso e o esquecimento... E tem impetos de tomál-a nos braços e levál-a, como uma pobre criancinha fraca e doente, para outros lo-

— Fiquei viuva ha dois mezes.
— E eu ha dois annos.
— Tu sempre tiveste mais sorte do que eu.

De Mathilde Muñoz

pelhinho, e durante alguns momentos parece repassar attentamente seu *maquillage*, conservando a cabeça chata e perfida mais perto de seu ouvido.

— Assim, assim estou muito bem — continúa dizendo aquella lingua vermelha, que no esmalte toma coloridos vivos. — Assim estou perfeitamente. Com o calor te brilha um pouco o nariz — a serpente lança uma risadinha intraduzivel. — Quanto mudaram os costumes desde que nossos avós tiveram aquelle *negocinho* no Paraiso!... Emquanto em minha familia não mudamos nada, tu não pódes imaginar os progressos que se operaram na tua... Aquella Eva antiga seria, agora, francamente desagradavel, emquanto que tu, como és elegante, como és linda! E' pena que te não decidas a pedir o collar!...

— Do collar não ha quem fale a papae...

— Não digas... Conheço os Adões... Sua casta não soffreu tambem variação essencial... Quando nós queremos, continuam sendo uns infelizes...

— Uns infelizes! Tu não conheces papae...

— Sim, já sei... Um *genioso*, como todos, mas, no fundo, ora!... Experimentaste o recurso da *anemia?*

— Que queres dizer com anemia?

Verás... Basta que não ponhas *rouge* nas faces, que augmentes o negro fumo dos olhos, e esqueças por uma temporada a barra dos labios...

— Mas, ficarei horrivel!

— Que idéa! Vaes ficar é interessantissima... Uma cutis de camelia, um olhar languido, uma atitude suave...

— E para que isso?

— Não sabes de nada!... Isso é que é a anemia, o principio da anemia... Depois, não precisarás mais do que repetires um numezinho lacrimoso á hora do almoço, durante uma semana, e a nevralgia ao jantar, e, passado esse tempo, nem um dia menos!, cahirás no pranto, olhando o collar, quando passares pela joalheria, emquanto dirás: "Eu quizéra que essas perolas adornassem meu cadaver!" Quando as tiveres em teu poder, então deves começar immediatamente a convalescença...

— Mas papae vae morrer de susto!

— Passará depressa o seu susto. Assim a satisfação de ver-te reviver será mais intensa... E' claro que não te deves restabelecer de todo muito depressa. E' conveniente estares preparada para uma recahida, si surgir novo capricho...

Eva se põe a rir.

— E' o demonio!

— Oh, Eva! Tu e eu nascemos para entender-nos... Sabem disso os fabricantes de objectos de serpente, que nos juntaram de novo... Nossa união favorece a industria... Hão de ver o resultado dessa união os maridos e os paes de familia!...

O ruido da voz se perde no choro suave das *balalaikas* e o som das porcelanas.

Eva e a serpente misturam seu riso no mesmo harpejo, que sella o indestructivel pacto...

---

gares, para outros climas, para uma pequenina aldeia beijada pelo mar, onde o ar salino lhe désse a cura almejada.

Lila se afunda no vicio mais e mais. Tem tremuras de febre e péde, já sem receio das consequencias, ao esposo que lhe adivinha o vicio, uma gramma só do terrivel toxico... Tiram-lh'o. E ella definha como uma pobre flôr a quem roubasse a luz do sol.

A conselho medico, o marido a intérna num hospital. Ahi, por uma estranha coincidencia, clinicava o dr. Pedro do Amaral, que assiste á antiga amada.

Todos os esforços para salvál-a são baldados. Seu fim estava proximo, pois a dróga lhe aniquillára o organismo fórte. Um dia nebuloso, a pobre peccadora entra em agonia. Pede ainda, com os labios resequidos pela febre, num anseio de cortar o coração.

— Cocaina! Dêm-me cocaina! Quem foi que me disse que não a tomasse, porque me mataria como o veneno de uma serpente? Mentira! A cocaina me dá vida, porque me faz esquecer e vêr coisas que ninguem me deixa ver... Por Deus, tenham piedade! Dêm me cocaina!

Assim ella exhala o ultimo suspiro. E o marido, pezaroso, nunca soube o segredo daquella lagrima anonyma que repousava na mão fria e branca da esposa e que era a ultima homenagem de amôr do innocente causador de toda aquella desdita...

A FORTUNA

NOITE de inverno, nublada, ventosa. Luiz Favre andava com passo ligeiro, bem abotoado o sobretudo. Voltava de Passy, aonde, ao sahir do escriptorio, fôra visitar um collega enfermo. Estava de máo humor. Por que lhe davam sempre esses encargos ?... No emtanto, não era elle o mais novo dos empregados... O joven Lurnau havia entrado para o escriptorio depois delle... Sim... Mas o joven Lurnau estava muito recommendado, bem se via..., e elle, Favre, não tinha padrinhos... Quem se interessava por sua sorte ? Quem o apreciava ?... Ninguem !...

Luiz Favre pensava amargamente em sua vida mesquinha, em seu ordenado insufficiente, inferior a seus meritos — assim o julgava elle —, em seu quarto solitario, para onde voltaria depois de seu frugal jantar em um restaurante modesto. Cheio de fel, considerava-se um incomprehendido. Tinha trinta annos, era delgado, de rosto comprido, e usava oculos sempre em equilibrio instavel. Sua intelligencia, como seu aspecto era mediocre, mas isto elle o ignorava, e declarava a todo momento que a injustiça da vida o tornava misanthropo.

Quando chegava á praça do Trocadero para tomar o seu *metro* viu, a poucos passos, uma joven senhora loira e um cavalheiro moreno, elegante, alto, que, nesse momento, chamavam um *taxi*. A joven senhora loira entrou no carro depois de ter sido beijada pelo cavalheiro moreno, que lhe disse, ternamente:

—Até amanhã, querida Juliéta.

Em seguida se afastou, depois de ter dado ao *chauffeur* um endereço que Favre comprehendeu imperfeitamente.

Favre ficou alli, petrificado, aturdido. No cavalheiro moreno havia reconhecido, sem duvida alguma, o seu director principal, Claudio Aubigny. Na senhora loira, não reconhecêra, em absoluto, a senhora Aubigny, a quem tivéra opportunidade de ver tres ou quatro vezes no escriptorio, e que tinha o cabello negro e era mais alta que a senhora loira.

O senhor Aubigny enganava, então, a sua esposa !

Favre proseguiu seu caminho. Examinava profundamente a situação.

Segundo o que ouvira nas conversas do escriptorio, o senhor Aubigny não tinha um centimo quando se casou com a senhorita Marisa Leclay, a filha do grande industrial cuja fábrica passou para a sua direcção logo que elle se transformou em seu genro. Claudio Aubigny dependia, pois, de sua esposa.

Esse ponto era importantissimo. Outro ponto importante — sempre de accordo com as indiscreções do escriptorio — era o temperamento ciumentissimo da senhora Aubigny.

Nessas condições, o segredo que o acaso lhe revelava era de um valor inestimavel. A menor revelação, o menor escandalo perderiam irrevogavelmente o senhor Aubigny.

Favre tinha, pois, em suas mãos a sorte de seu omnipotente chefe, de quem dependia sua situação, seu futuro, emfim, toda sua vida.

Que faria ?...

Reflectiu em tudo iso emquanto fazia o trajecto no *metro*. Continuou reflectindo emquanto comia machinalmente no restaurante um *rosbeef* com legumes. Reflectiu mais commodamente quando, depois de chegar ao seu frio quarto de verão, se deitou para se aquecer e accendeu o cachimbo.

"Attenção! — dizia, discutindo comsigo mesmo o facto e os beneficios que delle poderia tirar. — Attenção! Não precipitemos as coisas, nem demos passos em falso... A fortuna só se apresenta uma vez na vida: e eu seria um imbecil si não a aproveitasse!... Sim. Não a deixarei escapar..."

Sua bôcca se contrahiu em um sorriso quasi feroz. Elle, infimo empregado, cuja existencia o senhor Aubigny mal conhecia, podia fazer tremer, seu todo poderoso patrão, despedaçar sua privilegiada situação, si não fosse recompensado devidamente, em troca de seu silencio... Que alegria! Que rancor satisfeito!... Nenhum sentimento de delicadeza passou pelo cérebro de Favre. O único objectivo de suas meditações residia na melhor fórma de proceder. Agora formulava a si proprio uma pergunta: o senhor Aubigny o teria reconhecido, no momento do encontro na praça do Trocadero? Favre suppunha ter encontrado seu olhar, mas não estava certo, e pensava para si:

"Si me reconheceu, talvez julgue que eu não lhe haja visto, ou, si o vi, que não me atreva a fallar. Provar-lhe-ei o contrario! Si não me reconheceu, dir-lhe-ei, sem rodeios, o que sei e qual é o preço que peço por meu silencio. Buchel, o chefe do escriptorio, está para se aposentar. Para começar, exigirei que me dêem seu logar..."

Subito, teve um pequeno estremecimento. O senhor Aubigny, energico, athletico, autoritario, não parecia um homem facil de atemorizar. Favre, para viver, só contava com seu emprego, conseguido com muita difficuldade. Despedil-o-iam, e elle se veria na rua, e não teria onde comer... Mas não tardou em encolher os hombros. Quem não se arrisca... Além disso, elle tinha em seu poder, solidamente, o senhor Aubigny... Só lhe restava, pois, agir com intelligencia...

* * *

FAVRE dormiu pouco e mal essa noite, agitado por sonhos de grandeza e por incubos de miseria.

Na manhã seguinte, mais ainda que na noite anterior, sentiu-se decidido a agir. Agora estava certo de triumphar em sua extorsão (que elle não definia com este vocábulo), e se deitou em sua cama de ferro com impetos de conquistador.

No escriptorio, seus companheiros notaram que elle estava preoccupado, e o interrogaram com indiscrição. Mas Favre não respondeu. Pensava que si algum daquelles imbecis surprehendesse o segredo com que contava para architectar sua fortuna, não tardaria em utilizar o thema para uma escandalosa maledicencia.

Logo que chegou ao escriptorio, Favre mandou solicitar uma au-

De Frederic Boutet

diencia ao senhor Aubigny, o qual, embora sempre invisivel e muito occupado, nunca se negava a receber seus empregados, quando estes precisavam falar-lhe por um motivo sério.

De maneira que, ás quatro da tarde, o senhor Aubigny fez avisar a Favre que o esperava.

"Para receber-me tão depressa, ha de me haver reconhecido hontem á noite!..." — pensou o pobre empregado.

E, com o coração na garganta, mas decidido, se dirigiu para o gabinete do director. Saberia ser firme e hábil: o triumpho era seguro.

O senhor Aubigny estava sentado á sua mesa de trabalho. Favre cumprimentou-o, pensando: "Este homem se acha em minhas mãos. Sabel-o-á?" Não. Dir-se-ia que o senhor Aubigny não o sabia. O director continuava escrevendo, e só depois de poucos minutos levantou a vista para seu empregado, de pé deante delle. "Talvez finja..." — pensava Favre.

— E' o senhor que deseja falar-me? — perguntou o director, consultando um cartão. — De que se trata, senhor Favre.

— Senhor director — falou Favre, com firmeza, — julgo que meu logar nesta empresa é insufficiente e não me permitte valorizar minha capacidade. Solicitei uma entrevista com o senhor para rogar-lhe que me désse um cargo mais digno de mim...

— Mais digno do senhor?... — repetiu o senhor Aubigny, olhando com espanto o seu interlocutou.

— Sim, senhor. Desde que estou em sua empresa, tenho a convicção de ser um desconhecido. E, desde hontem, á noite, ás sete horas, resolvi não supportar mais esta injustiça.

— Desde hontem á noite, ás sete horas? — repetiu novamente o senhor Aubigny, cada vez mais surprehendido.

"Elle não suspeita nada" — pensou Favre.

E, em voz alta:

— Creia-me, senhor Aubigny: sou desinteressado, e nada está mais longe de mim que a idéa de usar meios apparentemente ambiguos. Póde o senhor ter em mim a mais absoluta confiança. No emtanto, devo preveni-lo de que estou ao corrente de certas coisas... Venho, pois, dizer-lhe claramente: ajude-me a construir uma situação digna de mim. Mereço um pouco mais que as funcções subalternas em que tenho sido mantido até agora...

O senhor Aubigny olhava-o agora com curiosidade. Aquelle modesto empregado que se julgava incomprehendido e que lhe ia dizer na cara, realçando os proprios méritos, não o desagradava. Sempre preferira os audaciosos, os homens decididos que não pensam em vencer á força de recommendações de terceiros.

"Esse rapaz não é um incapaz, nem um estupido — pensava. — Encerra, certamente, em si, uma força latente.... Quem o imaginaria, vendo sua cara de coêlho, seus olhos perturbados, sua figura insignificante?

— Meu caro Favre — disse, por fim, — não acho nada melhor do que fazer justiça ao mérito.... Porei á prova sua capacidade. O senhor estará comprehendido nas proximas promoções, que se realizarão quando seu chefe de escriptorio se acolher aos beneficios da aposentadoria. Assim poderei aquilatar mais facilmente os méritos que o senhor proclama...

"Está cedendo..., está cedendo!... E' meu!... Agora porei os pontos nos ii..." — pensou Favre.

— Senhor Aubigny — proseguiu, com voz firme, — falando claramente, essa satisfação que o senhor me offerece...

No fundo do escriptorio se abriu uma porta, o que o interrompeu. Entraram duas senhoras jovens e elegantes. Uma dellas, alta e morena, era a senhora Aubigny. A outra, loira, era a senhora da praça do Trocadero.

O senhor Aubigny levantou-se.

— Não tem nada mais a dizer? — perguntou bruscamente a Favre.

"Meu Deus! — disse este, comsigo. — Elle não só engana a sua esposa, mas o faz com uma amiga della!... Tenho em meu poder muito mais do que o suppunha!"

— Sim, senhor. Ainda duas palavras importantes — respondeu, com voz alta e ameaçadora. — Voltarei quando o senhor me chamar.

Emquanto atravessava o amplo gabinete, em direcção ao vestibulo, viu, num espelho, o senhor Aubigny beijando sua esposa e, em seguida, — Favre esteve na imminencia de cahir — a joven senhora loira, a quem disse:

— Então, minha querida Julieta, a que hora devo ir á estação esperar teu marido?

Favre, com os ouvidos atordoados, as pernas tremulas de emoção, teve que sentar-se em uma cadeira, ao chegar ao vestibulo.

— Quem é essa senhora loira? — perguntou, em voz baixa, ao velho continuo da directoria.

— A que entrou com a senhora Aubigny?... E' a irmã do senhor Aubigny. A senhorita Julieta... Assim a chamavamos quando ella era solteira. Agora está casada, e mora em Marselha...

* * *

FAVRE sentiu um calafrio da cabeça aos pés. Pensava no perigo de que havia escapado... Um minuto mais a sós com o senhor Aubigny, e elle teria falado, teria alludido ao encontro da praça do Trocadero, teria concretizado sua chantage..., sua chantage sem valor, sua chantage inútil, pois o senhor Aubigny, na noite anterior, havia beijado simplesmente sua irmã...

"Sou um imbecil!... Não ter pensado que podia ser assim!... — dizia comsigo Favre. — Duas palavras mais, e elle me teria posto na rua, sem contemplações..."

Uma campainha chamou-o ao gabinete do director.

— Então, que tinha ainda a dizer-me? — interrogou o senhor Aubigny, que estava novamente só.

— Apenas desejava expressar-lhe toda a minha gratidão pela promoção que se dignou prometter-me — disse Favre, humildemente.

E retirou-se. Estava exasperado, e experimentava, contra o senhor Aubigny, que não havia enganado sua esposa, o mais surdo rancor, o odio que na alma do homem possa suscitar o peor inimigo.

MARION (Pernambuco) — Apezar do sr. ser um conterraneo e haver publicado uma critica elogiosa, sobre "Uma garçonne carioca", sou forçado a declarar que a sua collaboração não póde ser aproveitada. E' muito pueril. Vê-se que o sr. é um neophyto. Possue talento, não ha duvida; mas ainda é cedo para escrever em revistas do folego de *Fon-Fon.*

Vá produzindo, sem desencorajamentos e, um futuro que não está longe, o sr. conseguirá ser applaudido.

Mas veja o que vae abraçar: prosa ou poesia. Não queira abarcar o mundo com as pernas...

GAROTA (E. Santo) — Não recebi o conto a que se refere. Entretanto, aqui fico ás suas ordens. Agradeço-lhe o endereço que me deu, afim de que lhe escreva directamente. Tudo depende de opportunidade. Está entendido ?

MARIUCHA (Pernambuco) — Olá ! V. Ex. se queixa de que as suas cartas anteriores ficaram sem resposta. Como ? Certamente eu as não recebi.

E a prova é que, não só respondo, como publico a de hoje.

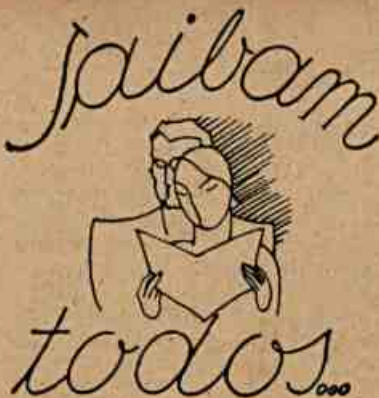
Escreve V. Ex., lisonjeando-me com as suas palavras gentilissimas:

"Yves: A tarde está hoje maravilhosa. Um sol muito suave trnasmite seus raios anciosamente esperados, depois de dois dias de chuva.

Tudo parece contente: a natureza, o pessoal que me rodeia e até o clima numa concessão especial para a nossa terrinha, esfriou um pouquinho.

Podes por isso tudo imaginar, como eu escolhi um dia bonito para te escrever. Aliás, não é a primeira vez que te escrevo e sim a terceira e tu, numa ingratidão nunca vista, não me déste o prazer de uma resposta.

Novamente venho aborrecer-te com uma carta e pedir-te o grande obsequio de dares a tua opinião sobre um trabalho meu, que junto te remeto. Sendo o teu parecer favoravel, espero que o publiques no *Fon-Fon.*

Yves: tenho nas minhas mãos, "Uma garçonne carioca", recebido hontem a tarde, e enviado á mim por uma amiga residente ahi e que teve a maravilhosa lembrança de presentear-me com alguns livros. O teu veio entre elles e foi, o mais precioso para mim. Já o conheço pelas opiniões de amigos

meus que muito te admiram. Amanhã, vou começar a lêr, pois estou terminando "Tigipió", de Herman Lima.

Apezar de ser uma pernambucana sem intelligencia, como as paulistas, estou na doce illusão de receber a tua resposta sempre franca.

Espero que não me desiludirás e eu terei brevemente com muito prazer uma resposta na seção "Saibam todos", para Mariucha.

Aqui, na nossa querida Mauricéa, podes ter certeza da admiração sincera e agradecida de

Mariucha".

Ora, lendo o seu conto *Felicidade*, verifiquei que não se trata desse genero de literatura. E' antes, uma fantasia literaria, ao gosto das composições de collegiaes...

Assim, não me é possivel publical-a.

G. TEIXEIRA (Minas) — Queira escrever á machina. A sua letra reclama esforço mental para lel-a. E' o meu tempo exiguo demais. O seu conto foi entregue ao secretario para a devida publicação.

ROLIM (R. Grande do Sul) — Caro poeta. Não entendi a sua carta. Mesmo porque não sei quem seja o sr., e muito menos me recordo si algum dia já me visitou.

Vejamos o que me escreve na sua missiva dactylographada:

"Sr. Yves: Tenho-me de novo aqui ante os seus aureos portaes; — Com sua licença:

— Sou aquelle que o visitou em 23 de Junho p.passado com seu chapéu debaixo do braço humilde como o caipira que vae á presença do coronel chefe politico... E não me podia apresentar de uma outra maneira pois que me ia chegar á um literato que se não é o "primus interpares" da literatura patria, é, innegavelmente, um de seus mais acatados vultos. Logo, manda a bôa modestia, na presença de um intellectual de tal quilate, eu, que me considero aquem de seu valor literario, não me deveria apresentar cheio de empafia. Fui, no emtanto, empurrado pela porta á fóra, nada varlendo o cortejo de reverencia a V. S. — Muito obrigado.

— Não sou cavalheiro de esporas de pratá como o sr Yves é na literatura, mas sei me estribar nos lombinhos cá da serra, onde o "Biões" se arranham nos cardos do desconhecido... Tenho, no entanto, consciencia do que escrevo; — só me restava saber se escreveria a seu tão apreciado gosto e saber, e foi justamente o que não consegui.

Não tenho V. S. como um critico injusto, razão por que, torno com dois coupons (cartões de visita) á sua d.d. presença, — se é uso, ahi no Rio, eptregar os cartões por mão propria sem intermedios de continuos... E se V. S. exige mais coupons, mais terei ainda, e regular remessa.

Fui maltratado sem razão a não porque V. S. ignorava a minha falta — cujo motivo foram os lindos versos de Esdras-Farias.

* * *

Certo, Snr. Yves, de que já ventilei o assumpto que deu origem a presente e querendo vêr desapercebido qualquer desagrado que por ventura e em virtude desta possa partir de V. S. contra este seu leitor (e sou leitor de facto, não é fabula!...) e querendo mais uma vez tornar á sua presença como consulente, passo-lhe ás mãos os versos "*Bucolismo*", de minha autoria, os quaes julgando terem algum merito, espero que não tenham o infeliz destino que tiveram os primeiros que lhe enviei que nem ao menos mereceram uma aluzão de V. S...

Desculpando-me se acaso fui menos attencioso para com V. S., creia-me um sincero admirador".

Repito: não entendi nada.

Quanto ao seu soneto, devo dizer que elle é de uma mediocridade espantosa. Nada de novo. Nem uma imagem moderna.

Não basta escrever um soneto com as suas rimas e os seus versos correctos. E' mister pôr algo de original, no meio de tudo isso. E o sr. nada fez em tal sentido.

Quer uma prova ?

Eil-a:

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

* * *

BUCOLISMO

Ao murmurio das brisas vesperti-
[nas,
Fenece a tarde encantadoira e fria;
Da noite, em breve, as gélidas cor-
[tinas,
Offuscarão as lampadas do dia !...

Desce aos campos a sombra das
[colinas...
No horizonte se esbate a serrania,
Em farpas de oiro, o sol, pelas
[campinas,
As tranças do arvoredo acaricia...

Gados pastejam viridentes alfom-
[bra.
E a tristeza que vem da mata es-
[cura,
Toda a paisagem nesse instante
[ensombra.

Revoluteio o olhar pela deveza...
E, estatico, contemplo a formo-
[sura,
Da perfeição sem par da Natu-
reza !...

WHAT (Capital) — Upa ! Lá vem mais um poeta ! Valei-me, Nossa Senhora !

Diz o sr. no seu retalho de carta:

"Yves. — Como Poseidon empunhando o tridente, venho ferir, com 3 sonetos, o rochedo da tua critica.

Não desejo sondar as maravilhas desse mar interior, tumulo dos tritões vencidos, que é a "cesta". Pretendo, sim, pairar sobre a superficie reverberante das paginas de "Fon-Fon".

Eu amo a luz, a gloria: si me deixares sêr Phaetonte, eu saberei guiar o teu grande carro, ó divino Helios !

O sr. empunhando o seu tridente, me fére com tres sonetos. E eu, só com o bico da penna, atiro os tres para o fundo da cesta. Que tal ?

MUCIO CARIAS (E. Santo) — O seu soneto se resente de varias imperfeições.

Ha uma dissonancia no 1º verso do 1º quartetto, com a palavra *rosas* e a preposição que a antecede.

O 4º verso do mesmo quartetto é horrivel, com aquella ordem indirecta.

Verso banal e plebeu, pela sua construcção:

Pensando na ternura de você...

A rima em *rudo* é de um poeta que dispõe de poucos recursos de technica, pois é sabido que toda gente diz *rude* e não *rudo*. *Rudo* é uma palavra pouco usada e afeia o verso.

Como vê, com taes defeitos, o seu soneto não passa.

OLIVEIRA VALENÇA (?) — Não póde ser publicado.

TOLENTINO DE CARVALHO (?) — Arre ! Mais um poeta ? Será possivel que não me deixem em paz, esses cavalheiros ?

Antes dos versos, vejamos a sua missiva:

"Yves. Meus cumprimentos. Envio-te desta vez dois sonetos: "Ideal" e "Supplica intima".

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sòmente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON-FON — 1-10-932

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

Fiquei imensamente satisfeito com a critica que fizeste de um soneto, "A vingança da Morte", que ha tempos enviei-te. Desta vez, do mesmo modo que procedeste na pasada, desejo uma critica severa, pois, com isto, sòmente eu sou quem pode lucrar.

Não te esqueças, Yves. Mesmo que eu vá fazer uma visita á senhorita C..., e de lá não saia, espero que sejas breve".

Agora, o soneto, isto é, a maravilha que saiu da sua imaginação portentosa...

IDEAL..

(Para a Z...)

Tomo um papel e pego em uma
[pena
E a pensar me deixo, e, emfim,
[escrevo...
Mas o meu verso, ora não tem re-
[lêvo,
Ora resvala sem u'a tinta amena.

Desejo, embóra, em tempo algum
[me atrêvo,
Nêsse papel deixar, numa serena
Exteriorização, meu doce enlêvo,
Todo o romance que minh'alma
[encena...

Desesperado nesta pequenês
A fôlha branca a fuchicar nervoso
Atiro ao longe, á cêsta e não a
[vês...

Mas sinto ansias de fazer o in-
[verso,
De tudo resumir em um só verso,
Para exprimir-te o meu amôr
[grandioso.

VALENTINO DE CARVALHO

1932

(Do livro inédito "Sonho")

O premio, quem lh'o dará, é a sua predilecta...

Sem duvida, ella deve estar encantada com o sr....

YVES

O VESTIDO DE NOIVA

A senhorita Lucia habitava a casa onde havia nascido, vasta propriedade na provincia, cheia de depositos e de recordações.

Os numerosos irmãos e irmãs da senhorita Lucia vagabundavam pelo mundo, ou estavam estabelecidos longe, deixando a seu cuidado todo o mobiliario familiar e até lhe enviavam uma parte de suas novas acquisições, que pensavam ir recolher mais tarde, com o resto.

Ella acolhia tudo e consagrava as horas que seus pobres e suas orações lhe deixavam livres á conservação cuidadosa daquellas coisas que se dispensariam aqui e além depois de sua morte. Que importa? Este fim me parece, em summa, fatal e justo. Os thesouros materiaes não têm outro valor proprio além do que o que symboliza a nossos olhos. Só o reflexo de nosso eu os anima e logicamente a noite deve chegar para elles ao mesmo tempo que para nós.

Na época de minha infancia, o sol da vida brilhava docemente sobre a senhorita Lucia e sobre tudo o que a rodeava. Tinha ella um bello rosto sem idade, pallido, que nunca devia ter possuido o que se chama "a belleza do diabo", mas que, em compensação, não possuia o estygma das rugas.

Seus vestidos amplos e austeros afogavam-lhe o corpo, meúdo como o de uma criança, e, sem o aspecto antiquado de suas roupas e de sua moldura, parecia que era muito nova e que ia crescer ainda... Não crescia. Ao contrario, ficava menor de anno para anno, cada vez mais discreta, afagando-se pouco a pouco do mundo onde havia occupado sempre pouco logar. Mas que lindo logar. Sem uma mancha, sem um grão de pó, limpo como seus olhos limpidos, do mesmo azul de sua alma. Uma vez, eu entrevi o fundo daquella alma... E foi um desses relampagos em que se descobre, de repente, a verdadeira riqueza da vida que não está no brilho falaz das apparencias, mas nos sonhos interiores de cada um.

Era uma tarde de outomno... no fim dos longos dias... antes do primeiro fogo... Encontrei a senhorita Lucia occupada em arrumar o armario de seu quarto, um monumental movel de imbuia, com portas massiças, forradas com um cretone estampado. As maçãs do jardim, cahidas antes do tempo, amadureciam lá em cima, sobre a cornija de robustas molduras. No centro havia roupas penduradas e na taboa de cima e na de baixo as caixas se empilhavam em ordem de altura.

A senhorita Lucia abriu uma, da qual tirou pelles, sacudindo o pó accumulado... Outra para examinar á luz os bordados, que depois tornou a accommodar entre folhas de papel de sêda, após ter verificado que a sombra não as havia prejudicado... E, de repente, me propoz, com certa alegria melancolica:

— Queres ver meu vestido de noiva?

— Oh, sim, senhorita!

Então, ella tirou do fundo do armario uma larga caixa, de um branco amarellado com os filetes doirados arrebentados. Desdobrou um véo de indiana, ternamente perfumado de lirio, e seu vestido de noiva appareceu... de mousseline rosa com enfeites de tafetás todo aberto pelos annos. Mas conservava sua côr de aurora e cheirava tão bem!

Eu não sabia, nesse tempo, quanto os velhos gostam de fazer confidencias, e me haviam ensinado que os meninos não devem fazer perguntas. Mas, dessa vez, a curiosidade foi muito forte. Perguntei, tremula de emoção:

— Então, a senhorita esteve noiva?

Ella sacudiu, com gesto de pesar, seus frágeis hombros, e sorriu mui gentilmente, com um ar

que me perdoava e troçava de si mesma.

— Mas, não! Não estive noiva. Pelo menos... não de todo... Vou contar-te. Eu nunca usei este lindo vestido. A vida era dura e todo o dinheiro era contado em casa. Em minha qualidade de filha mais velha entre muitos filhos, eu trabalhava tanto quanto minha mãe e nossa unica creada. Meus paes nunca me levavam á sociedade. No emtanto, quando uma de minhas melhores amigas se casou, elles consentiram que eu fosse *demoiselle d'honneur*. Eu precisava de um vestido. Não podes avaliar minha alegria! Pela primeira vez, em meus vinte annos, eu ganhava um vestido de fazenda fina, um vestido de que me agradava. Minha mãe, em honra do acontecimento, autorizou-me a procurar outra costureira, deixando de lado a senhorita Anna, que cosia em casa por dia, desde que eu nascêra. Mas eu pensava na humilhação da pobre mulher por aquella fidelidade tão evidente e minha felicidade foi caritativa. Comprometti-me apenas a vigiar a senhorita Anna de muito perto, e escolhi um modelo bem simples, cuja gravura estava acompanhada por uma longa nota explicativa. No emtanto, a confecção da obra prima não se apresentava sem difficuldades. A senhorita Anna, não acostumada a trabalhar com fazendas delicadas, perdeu sua firmeza. Quando começou a cortar, a tesoura lhe tremia nos dedos. Julgou successivamente que o genero estava perdido, que o corpo ficava pequeno, que a falda não cahiria nunca como devia. Eu lhe fazia tantas recommendações, suggeria-lhe simplificações tão audaciosas, que declarou, confidencialmente, a nossa creada, que receiava enlouquecer. Dizia isto durante nosso duro labor. Mas quando estava a terminar, descobriu, de repente, que era esquisito trabalhar em fazenda fina e que nunca tinha feito tão lindo. Durante a experiencia suprema, ouviu-se um bello concerto de exclamações admirativas, emquanto que, deante do armario de espelho de mamãe, eu ia e vinha, voltando-me, cumprimentando, embriagada com minha propria visão. "Achas que a cintura ajusta bem? E estes punhos *plissés*?" "Realmente, parece mentira que seja obra minha" — confessava pondo a mão no coração e levantando os occulos para ver o effeito que produzia o conjuncto. Isabel, a irmã que me acompanhava, mostrava uma ambição de herdeira. "Mamãe, quando Lucia se cansar delle, será possivel reformál-o para mim?" A senhorita Anna teve um sorriso compassivo. "Isto não é como os vestidos velhos de sua mamã." Entretanto, Totó, o Benjamin da familia, emittia, com sua vozinha rouca de resfriado perpetuo, sua opinião: "Parece a fada". Lilina tocou-lhe com o cotovelo. "Que idiota és! Porventura só ha uma fada? Ha muitas, e bem feias. E as bruxas, então? Não. Sou eu quem vae dizer melhor o que parece Lucia..." Vacillou um momento, para recolher suas idéas. E depois lançou a grande phrase: "Parece uma noiva... eis tudo." Houve uma explosão de alegria. Apenas Isabel permanecia seria e aproveitou a circumstancia para revelar sua secreta preoccupação: "A verdade é que, si não encontrar marido com esse traje, é para desesperar de tudo." Eu fingia rir, mas as palavras de minha irmãzinha despertavam em meu coração um éco perturbador. A fada mousselina me havia transtornado a cabeça. Eu me achava tão linda, que via já toda minha vida côr de rosa como meu vestido, toda minha vida com a mão na mão de Gerardo, pelo braço de quem, devia acompanhar a noiva... Meu vestido de noiva... Cada vez que o vejo, evoco tambem Gerardo e toda uma existencia parallela á minha, em uma longa serie de acontecimentos que não chegaram."

A senhorita Lucia não se dirigia mais a mim já não parecia notar minha presença... Olhava longe... para onde se olha a hora de morrer.... — BERTHA BUCK.

A CAPELLA DOS PENITENTES

Há alguns annos, minha profissão de engenheiro obrigou-me a uma longa estadia na tranquilla e formosa cidade de Montpellier. O acaso fez-me conhecer ali Julião Caserley, que habitava, nos arredores, uma casinha meio occulta sob as arvores. Era um quadragenário áspero, quasi, um pouco nervoso, e que a todo momento proferia phrases amargas e sombrias. Havia nelle certo mysterio, que me inquietou e, ao mesmo tempo, me despertou interesse. Descobriu, então, um homem intelligente, que viajára muito, possuia uma grande cultura e havia residido longo tempo em Paris e frequentado o alto mundo social e intellectual. Como um ser de tal valor consentia em viver assim, na mediocridade de uma existencia desprovida de todo prazer superior? Um dia, depois de um longo passeio pelo campo, em plena solidão, eu lhe perguntei por que permanecia enterrado naquelle recanto perdido, em vez de levar, em outra parte uma vida mais de accordo com seus gostos e preferencias.

—E' assim, e deve ser assim — respondeu-me.

E, ao pronunciar essas palavras, lançou-me um olhar tão cheio de reticencias, tão estranho, tão tragico, que não insisti.

Outra vez, levou-me a visitar uma capella de penitentes, cuja fachada Luiz XV se escondia atraz de um jardim. O altar, enriquecido de grinaldas e carregado de fructos, lembrava mais um quadro da Terra Promettida que em um sacrificio sagrado.

— Todos os penitentes vivos aqui — disse-me Julião Casserey — de oito em oito dias assistir á missa e quando um de nós morre, os outros acompanham seu enterro a pé e de habito. E' a ultima coisa que eu posso pretender, meu querido amigo: ser enterrado como um penitente. Parece-me que assim me aferro a toda ordem de coisas austeras e trágicas, e que me consola um pouco ter sido na vida o que sou e o que você ignora.

Dahi a poucos dias, abandonei Montpellier. Durante quasi um anno, estive em correspondencia com Julião Casserey. Mas suas cartas nunca me trouxeram detalhe algum sobre si mesmo. Discutiamos epistolarmente sobre themas especiaes, theologia e moral, matérias ás quaes seu espirito se applicava com infinita paixão e numa grande segurança de dialectica. Depois, nossa correspondencia se espaçou e, por fim, se interrompeu definitivamente. Eu havia esquecido um Julião Casserey, quando, certo dia, recebi simultaneamente a noticia de sua morte e o manuscripto que continha sua confissão. Esta dizia o seguinte:

"Meu querido Francisco: Ao separar-se de mim, você me fez vivos portestos de amizade e eu tenho em tanta estima a firmeza de seu caracter, que julgo necessario portar-me hoje, com você, como homem leal. Temeria, por assim dizer, fraudar o affecto que você me professa, si não lhe dissesse agora o que sou — o que sou authenticamente na baixeza e na verdade de minha natureza. Depois, você me julgará e verá si tem o direito de guardar a minha memoria um pouco de sympathia.

"Eu cresci neste paiz chato que você conhece. Fui muito apaixonado pelas coisas da musica e do intellecto, mas tambem pelas corridas de cavallos e pelas arriscadas partidas de caça. Com uma fortuna consideravel, meu pae me havia deixado grandes vinhêdos. Viajei a principio para conhecer o mundo e conhecer minha propria resistencia. Ao regressar de um cruzeiro pela China, encontrei em Montpellier uma joven muito bonita, Sabina Desormeaux, por quem tive a loucura de apaixonar-me. Casei-me com ella rapidamente, sem ter a reflexão de perguntar-me a mim proprio que casal formariamos e si meu temperamento pedia ser o de um marido fiel. Após um anno de felicidade, minha esposa adoeceu gravemente, ficando á beira da sepultura. Salvou-se, no entanto. Sua juventude havia terminado. Prematuramente envelhecida, transida por um pesar cuja intensidade me havia assombrado si — ai! — não houvesse recordado que Sabina pertencia a uma familia de nevropátas atormentada pela violencia de males hereditarios. Ella era, a meu lado, mais um espectro voltado para o passado que um ser vivo destinado a acompanhar-me na existencia.

"Eu tinha trinta annos, e morava ora no campo, ora em Montpellier. A mim mesmo, frequentemente, interrogava como tivéra a força de supportar semelhante supplicio. Creia, querido amigo, que me é duro, depois de tantos annos, falar assim de uma pessôa que eu havia escolhido, para toda a vida, como companheira de minhas alegrias e

De Edmond Jaloux

meus infortúnios. Mas, si não houvesse resolvido a dizer-lhe a verdade, de que serviria esta carta?

"Minha mulher tinha uma irmã bem mais moça do que ella. Depois da morte de seus paes, ella veiu passar vários mezes comnosco. Você adivinhará sem maior esforço, o que succedeu, quando eu lhe dissér que Angelica era a propria belleza, ou, melhor, que o pareceu a meus olhos. Tinha vinte annos, e eu não vi nada de mais joven no mundo. Quando nos deixou, para ir morar em Montpellier, com uma parenta de sua mãe, eu me senti invadido, a um tempo, pela paixão mais violenta que um homem possa ter experimentado e por uma coisa ainda peior: a lucidez de tal paixão e o sentimento de sua inutilidade.

"Acredite, meu amigo, que eu não sou um máo homem. Desejo fazel-o comprehender a intensidade de minha solidão. Imagine você um homem de minha sensibilidade condemnado a estar só, sem esperança, ao lado de uma mulher doente e estupida, e sem outra distracção além do cuidado de suas propriedades e longas cavalgatas pelos campos! Imagine você as noites sem somno, as longas horas occupadas em ruminar os proprios pensamentos dilacerantes! O pensamento mais habitual me fazia imaginar que, si minha esposa morresse, eu poderia casar com Angelica. Uma conversação sustentada com ella, na vespera de sua partida deixou-me comprehender que ella me amava, não já, em minha opinião, com aquelle amor furioso e desesperado que me devastava o coração, mas com esse sentimento tranquillo, igual e superficial que as mulheres tomam do amor quando não amam.

"Eu sabia, pois, que, si minha esposa desapparecesse, Angelica me acceitaria... E minha esposa desappareceu.

"Não insisto sobre isto. Você já adivinhou todo o horror de meu acto, mas não póde suspeitar a angustia que experimentei durante aquellas semanas em que ella se foi, pouco a pouco, da vida, minada pelo veneno lento que eu lhe ministrava em suas poções. E' necessario admittir que, em certos casos o homem não se pertence mais a si mesmo, mas se transfórma em verdadeiro joguete do demonio... Eu estava tão fóra de mim, que pude supportar sem desfalecimento, a morte de Sabina, seu enterro, os longos mezes de solidão que se seguiram...

"Quando decorreu um anno, fui a Montpellier, decidido a solicitar a mão de Angelica. A scena teve logar em um desses preciosos e tristes jardins do Sul, já exóticos, e, no emtanto, um pouco ermos. Nesse dia, fallei, confessei a Angélica meu amor, meu terrivel amor, meu desejo insaciavel de passar o resto de meus dias em sua companhia. Ella voltou a cabeça para mim, e olhou-me. Ah, Francisco! Toda vida recordarei aquelle olhar!... Reinou entre nós dois um longo silencio, e depois ella me disse:

"—E' melhor que nos deixemos de ver, Julião. Eu mesma deveria ter-lhe fallado antes, deveria tel-o detido antes que fosse muito tarde. Não sei que embriaguez me impediu de dizer-lhe que nunca acceitarei o que você fez, e *que estou convencida de que você fez*. Como guardar-lhe rancor, como censural-o, si eu mesma desejei, com immensa esperança, a agonia de minha irmã?... Mas, desde então, reflecti. Havia confundido uma tranquilla ternura com um amor violento. E meu erro é imperdoavel, porque, si você houvesse sabido isto antes, não teria agido assim. Ainda não lhe disse tudo. Dentro de algumas semanas tomarei o hábito entrarei para um convento. Esqueça-me como eu o esquecerei, e que Deus nos perdôe aos dois.

"Nunca mais tornei a ver Angélica, e nunca cessei de amál-a. Ella desappareceu do mundo sob o véo das Carmelitas e eu vivo sempre nesta pequena casa de campo que você conhece e de onde esta carta não irá para você antes que eu mesmo haja desapparecido.

"Devia-lhe esta confissão afim de que você tambem me perdôe, por ter eu fraudado sua confiança"

Fechei a carta e fiquei pensativo. Não experimentava nem indignação nem piedade por meu amigo morto. O tragico de sua vida me appareceia tal como esta se desenvolvia a meus olhos, para lá dos sentimentos que me são conhecido. Pensei que taes soffrimentos e taes crimes pertencem a um mundo de fatalidade e de expiação, cuja porta nós não conhecemos. Mas me representei, sob um desses céos estrellados e limpidos do Sul, aos penitentes que, a pé e de hábito, haviam levado ao cemiterio o corpo de meu infeliz amigo, revestido, por sua vez, do hábito monacal, que fôra, aqui no mundo, o symbolo exterior, sereno e austero de seu ultimo isolamento.

Alberto. — Cansado?... Como?... Em tua idade?...

Henrique. — Sim, confesso-te... Estou como um homem que realizou um enorme esforço e, perdidas já as energias, só quer se deitar para dormir, cheio de fadiga... Fechar os olhos e pensar: "Que allivio!... Posso ficar assim o tempo que queira... Ninguem me chama... Ninguem me espera"... Ter a sensação de esquecimento, de soledade, de ausencia... Ser *eu* e não sêl-o... Gozar o prazer esquisito de saber-me ignorado, desconhecido, como aquelle que passa pela rua e a quem, certamente, não tornarei a ver em minha vida...

Alberto. — Ora!... Olha, Henrique: quando um homem de quarenta annos fala do que tu acabas de falar, é que está neurasthenico... ou não tem dinheiro.

Henrique. — Este me sobra...

Alberto. — Perde-o, e aprende a ganhál-o. Eu te garanto que então tornarás a encontrál-o. Porque deves saber, meu amigo, que em nossa existencia ha um momento em que a força de andar pelas ruas desconhecidas, pelas encruzilhadas, pelos caminhos tortuosos, chegamos a

ULTIMA-RADIO

E's bella, mas não tens elevação moral:
— astro morto — perdeste o prestigio da luz...
Fascinas, isto é certo, e eu digo-te, afinal,
que a carne unicamente aos frivolos seduz...

Que vale a perfeição de um corpo esculptural,
e a belleza pagã de dois olhos azues,
si a existencia na sua evolução fatal
ao nada irreverente a plastica reduz?

Si meditasses bem no pó de que sahiste,
no pó de que foi feita a humanidade inteira:
o rei de sangue azul e a messalina triste...

Chorarias ao ver, do Orgulho nos destroços,
minha caveira a rir junto á tua caveira
da prosaica nudez dos meus e dos teus ossos!

ENÉAS ALVES

DESCIDA

perdermos. E então nos detemos, desorientados: "Em que logar estou?... Não era aqui que eu queria chegar... Errei o caminho..." E com o transtorno de não sabermos onde estamos, começam as vacillações, as duvidas, os erros... Caminhamos ao accaso, guiados pelo instincto, que nem sempre é infallivel, digam o que disserem: damos voltas, tropeçamos e quando julgamos não sahir nunca daquelle labyrintho, alguem, serenamente, nos indica: "por ali é a sahida... Caminhe em linha recta..." No emtanto, era uma cousa tão simples o que me havia occorrido...

Henrique. — Sim, sim... Muito bonito tudo isso, muito literario, mais bem apresentada a idéa... Mas não é meu caso. Eu não me perdi em nenhuma encruzilhada, por

QUANDO SÓ OS OLHOS VÊEM...

INGENUIDADE! Emquanto contemplei a vida com enthusiastica imaginação, nunca imaginei que as suas cortinas, sempre niveas, vendassem doces surpresas e amargos imprevistos.

Achava-a bella, muito bella e, sobretudo, sem mysterio. Era para mim um sorriso do céo, numa expansão leve de felicidade.

Jamais pensei que o sorriso fôsse tambem o rebuço do soffrimento. Jamais neguei ser a vida um sorriso alviçareiro do céo. Jamais affirmei ser a vida um sorriso doloroso da sua propria essencia.

E' porque eu desconhecia os versos do poeta:

Encerram certos sorrisos
Tristeza tão singular
Que em se vendo taes sorrisos
Dá vontade de chorar...

O pintasilgo trina sensitivo, e o seu trinado alacre e brejeiro. Assim opinam porque não

Fanfreluche

que não marchei para a frente, mas para cima. Eu estava ao pé de uma montanha e tive que escalal-a... Que trabalho tremendo!... Sangravam meus pés e minhas mãos. Eu sentia em meu rosto, em meu corpo, a pontada dolorosa dos espinhos... Frequentemente, na ansia de avançar, de não ficar atraz com receio do fracasso, eu perdia a noção do tempo... Quantas horas de luta contra aquelles obstaculos?... Duas?... Cinco?... Vinte?... A sêde e a fome torturavam-me... Mas não importa... Para cima! Para cima!... Emquanto eu tivesse forças, emquanto tivesse folego... continuar subindo!... Muitas vezes — quantas! — me accommettia um desfallecimento, uma inquietude lancinante... Chegaria?... Porque a vontade é o grande palanque... Mas si a materia se desfaz?... Então, detinha a embalagem. Descansava... "Não — pensava; — esta pobre carne necessitava de um pouco de quietude... Vamos dar-lha. A não ser que fraqueje e me traia"... E depois de breves instantes, mais de angústia que de repouso, voltava a meu empenho... Que dia de gloria quando cheguei ao cimo!... Como eu me julgava grande e quão pequeno me parecia o mundo!... Quanto tempo sonhei, só naquella plenitude?... Muito pouco, si se comparar com a lentidão da subida!... De baixo, vozes airadas umas, ternas outras, me reclamavam... "Que fazes ahi?... Desce!... Não vês que te esperamos?... Já respiraste bastante o ar das alturas!... Póde fazer-te mal... Desce!..." Tinha razão, mas... não merecia eu, em meu esquecimento de tudo, um pouco de indulgencia?... Havia-me fatigado tanto ao subir!... No emtanto, obediente á voz de meu destino, iniciei a descida...

Alberto. — E a terminarás muito bem, estou certo.

Henrique. — Não o creio... Porque dois modos de descer têm o que está em cima: de um salto ou rolando... E ambos são mortaes!...

CARTA

Deitou-se a tarde. O céo, azul-velludo,
Vestiu o manto rôxo da saudade.
Esfria. E paira, no ar, uma ansiedade
Que me entristece e que entristece tudo.

E agora, que a tristeza tudo invade,
E as coisas dormem num silencio rudo,
A noite é como um genio manso e mudo
Que desce sobre a terra na orphandade.

Como essa tarde triste, immensa e fria,
E' a desventura, a dôr — a grande pena
Que no meu coração deixaste, um dia!

Creio que existe aqui alguma cruz,
Onde, a esperar-te, como Magdalena,
Eu morrerei, talvez, como Jesus!

Ruy Côrtes

De Getulio Teixeira

lembram de que o canto do passaro escravizado é um brado de revolta contra as mãos indomitas que o captivaram.

Alertem!... Esquecem-se de que as lagrimas, dôres que se liquefazem, só brotam nos olhos do homem... Esquecem de que o sorriso, a effervescencia do jubilo, só escapa na sua bôcca.

E o gorgeio do pintasilgo é a faculdade unica que lhe traduz a alegria e chóra sua desgraça.

Eu o não sabia!...

Só via as manifestações ledas da vida e toda a alacridade que por ella se perdia.

Eu via a cópa florida das arvores e o beija-flôr que osculava os estames. Mas não via a sombra triste da sua projecção, nem o asqueróso reptil enroscado no tronco rugoso.

Divisava rosas sem descobrir espinhos.

Eu era um joven contente despreoccupado, sem sonhos e sem amôr... Era uma criança ainda...

As Razões do Diabo

EU gosto, nas noites de luar, quando a branda luz dos astros clareia a terra tranquilla, — eu gosto de vagar pelos campos e montes, contemplando e procurando comprehender o Mysterio Universal.

A floresta me attrahe, com suas sombras movediças e seus rumores que sobresaltam. Amo a planicie porque, perdido nas suas solidões, me deleito com a illusão de que sou o unico homem da terra, e que todas as coisas foram feitas para meu prazer. Mas a minha preferencia está toda nos montes, nos pincaros mais altos. Ali, immovel, dentro do silencio e da soledade, espraio os meus olhares pelo mundo, e tomo a attitude de um deus que contempla a sua obra.

Naquella noite — memoravel noite! — subi os declives do Monte Azul. Era cêdo ainda. No poente havia transições de côres das luzes crepusculares. Perdiam-se no infinito os ultimos lampejos do sol.

Veiu a sombra, emfim.

Então, começou no Oriente o cortejo dos astros.

Orion rompia a marcha, garboso, brilhando no alto seu talabarte de fivellas que são sóes. Sirius, o orgulhoso do céo, deslisava graciosa e subtil. O Cruzeiro, refulgindo, lembrava ás estrellas o martyrio de Christo.

Os dois sóes de Centauro descambavam, em pós, seguindo as eternas parabolas de uma trajectoria eterna. E alem, traiçoeiro e cauteloso, Escorpião rastejava para o Occidente.

E o céo se ensopou com pingos de luz.

De braços cruzados e cabeça levantada, eu acompanhava o desfile das constellações do Sul. E quiz ver as constellações do Norte.

Mas, quando me voltei, vi em minha frente um homem que, na mesma postura que eu, de braços cruzados e cabeça levantada, olhava as alturas.

Observei-o uns segundos. Magro, flexivel, mediano. Seu rosto tinha uma côr indefinivel, assim como os olhos que, pequenos e fundos, tinham a expressão de uma tristeza infinita. Entretanto, elle não os abaixava. Olhava sempre as alturas.

Curioso, perguntei-lhe:

— Que fazes?

— Contemplo, como tú...

— Amas o Universo?

— Talvez mais do que amas...

— E quem és?

Então elle me fitou e sorriu. Seu sorriso tinha a mesma tristeza infinita dos olhos. E respondeu-me:

— Eu sou o diabo!

Ora, eu sempre amei tudo o que é parte do Universo. Nem só os astros, nem só as tonalidades da luz, nem só as vibrações do som. Mas tambem o que é feio e triste, das angustias dos homens á repellencia dos vermes, do Deus invisivel ao diabo palpavel. Deus e o diabo são para mim duas entidades indispensaveis ao equilibrio espiritual do mundo. São necessarios e suas essencias as mesmas; apenas suas missões divergem.

E foi tranquillamente que eu disse ao diabo:

— Não me amedrontas. Creio em ti como creio em Deus. Como parte que és do Universo, amo-te.

Minha fala foi para elle um assombro.

— Amas-me? A mim, o diabo?! A'quelle que os homens chamam o cão, o sujo?

— Sim, amo-te!

— Bem. Obrigas-me a tambem te amar. Sentemo-nos aqui. E emquanto a noite passa, conversemos.

Sentei-me com elle, numa relva macia. E emquanto Deus, talvez, nos espreitava, conversámos. Disse-me o diabo:

— E' com pesar que me torno seu amigo. Odeio a humanidade, já que ella me obriga a tal. Eu sou uma victima dos homens... Todas as suas más acções, os seus crimes, os seus peccados são considerados obra minha. Eu, injustamente, arco com a responsabilidade dos erros do mundo inteiro. Um dia, comprehendi isto. E irritei-me. Não fui creado para praticar o mal. Eu e Deus somos os dois pratos da balança da Justiça Universal. Não comprehenderam isto os homens. Quiz vingar-me e sahi pelo mundo a tentar os maus e os bons. Isso me divertia. Mas agora, minha vida é enfadonha. Não ha mais almas puras no mundo.

— Ora! exclamei eu. Não pensava que o diabo fosse tão inexperto. Por que não procuras os conventos, as igrejas? Acharás ainda muita alma para perder.

— Qual! Devastei tudo. Soror Cecilia, do Convento de Shangai, modelo de pureza, já sabe o que é o amor. E ainda hontem o sr. bispo de Milão, modelo de virtude, peccou por gula. Nem nos conventos! Nem nos cabidos!

O meu amigo argumentava forte. Dos conventos da China ás dioceses da Italia, elle semeára o peccado. Sua missão odiosa estava terminada.

Elle continuou:

— Agora passo meus dias contemplando o que ha de bello. Sinto-me exhausto de vagar pela floresta. Não frequento mais os sabbats, e, si á meia noite das sextas-feiras alguem me procurar pelas encruzilhadas, não me achará. Que triste vida! Passarei o resto de meus seculos, o resto de minha eternidade, rememmorando o passado...

Essas palavras elle as dizia com tristeza. Olhava vagamente para a campina, em baixo, e suspirava com longos e tenebrosos suspiros.

Aconselhei-o, então:

— Si na verdade já terminaste tua missão do Mal, porque não te entregas ao Bem? E' mais nobre, mesmo para um diabo. E tua tristeza acabará.

Elle não me respondeu; mas insisti. Disse-lhe muitas coisas consoladoras; falei-lhe, que para praticar o bem, até a eternidade era curta. Fiz ver a elle que, si ouvisse os meus conselhos, não seria mais o cão, mas o cordeiro; nem o sujo, mas o puro, nem o tentador mas o consolador. Falei tanto, que elle se convenceu e resolveu ser bom.

O sol, que eu vira desapparecer no Occidente, apparecia agora no Oriente. Vinha a aurora. Então, eu e o diabo regenerado descemos do Monte Azul. Chegavamos já na planicie, quando ouvimos uns gritos de soccorro. Era uma mulher que se debatia entre as aguas de um rio, prestes a se afogar. Eu não sabia nadar. Mas o meu amigo, que descêra do Monte para praticar o Bem, atirou-se n'agua e, com facilidade, salvou a mulher. Nesse momento, chegava um homem correndo; era o marido da que fôra salva. Correu para ella e perguntou:

— Mas como cahiste neste rio?

— Eu passava pela ponte e cahi. Só póde ter sido arte do diabo.

— Foi elle! Foi o sujo! Vive a perseguir. Rezemos, mulher!

Olhei para o meu amigo. Elle tremia de odio. Era assim que lhe pagavam sua boa acção: accusando-o, insultando-o.

Segurei-o pelo braço e continuámos o caminho. Parámos, porém, numa aldeia proxima. Havia uma agglomeração na porta de uma casa, e nós nos approximámos.

As pessoas alli juntas pareciam assustadas. Perguntámos o que havia, e disseram-nos que morava naquella casa uma mulher de máus costumes, e que amanhecêra morta. Subito, houve um silencio; um padre appareceu na janella e falou ao povo:

— Meus irmãos! Que isso vos sirva de exemplo. Esta peccadora que aqui morava não temia a Deus, e vivia com o diabo em casa. E esta noite elle, o cão, veiu buscál-a para o fogo eterno. Rezae, meus irmãos, e implorae ao Senhor sua misericordia e sua protecção, para que Elle vos livre do diabo!

E o povo começou a rezar suas ladainhas:

— Meu Deus, livrae-me do demonio! Afastae de mim o Genio do Mal, o causador de todas as desgraças, o obreiro das maldades crueis!

Ouviu-se, então uma imprecação medonha. Era o meu amigo que, transtornado, tremulo, com as expressões do odio convulsionando-lhe o corpo, bradou:

— Vês? Eu não posso praticar o bem. A humanidade me faz um eterno malvado, o causador de todo o mal. A humanidade é ruim, é falsa, é odiosa! Serei o seu inimigo eterno. Adeus!

Ouvimos um estouro. Um asphyxiante cheiro de enxofre encheu a campina. E uma fumaça negra e densa desfez-se levada pelo vento...

Nunca mais vi meu amigo.

Hoje, quando perambulo pelos campos e montes, procurando comprehender o Mysterio Universal, medito muito sobre as razões que tem o diabo, para não ser o Genio da Bondade...

NICIAS MOURÃO

PRODUCTOS ATKINSON
São usados por todas as senhoras elegantes
PRODUCTOS ATKINSON
Usados no mundo inteiro ha mais de 100 annos
PRODUCTOS ATKINSON
Perfumaria da alta sociedade
ROYAL BRIAR A SÉRIE DE OURO DAS PESSÔAS DE FINO GOSTO
ROYAL BRIAR — Agua de Colonia
ROYAL BRIAR — Loção
ROYAL BRIAR — Sabonete
ROYAL BRIAR — Brilhantina
ROYAL BRIAR — Pó de Arroz
ROYAL BRIAR — Bandolina
ROYAL BRIAR PERFUME
ATKINSON
LONDRES - PARIS - BUENOS AIRES - RIO.
A' VENDA EM TODO O BRASIL

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 1 de Outubro de 1932

A MULHER "FATAL..."

* * *

— NÃO, meu caro amigo, não creio, não posso crer que ainda alimentes a illusão da felicidade na vida, na tua pobre vida cheia de soffrimento... Fazes *blague* á custa da tua propria desventura...

— Como te enganas! Creio, apesar de tudo, na illusão da felicidade... Digo-te mais: creio na realidade mesma da felicidade.

— Ora, não brinques! Era preciso que não te conhecesse como conheço... Para que, deante de mim, esta mascara sorridente com que buscas, em vão, disfarçar a tua angustia interior?

— Mascara?... Sim, talvez tenhas razão. Mas sempre foi assim o carnaval da vida...

— Vês? Desceste a mascara, que tinhas afivelada ao rosto, e teus olhos já não sorriem, quasi brejeiros, como ha pouco, e perdem-se, no infinito das immensas distancias, a buscar as sombras inquietas da sua profunda tristeza...

— Da minha profunda saudade...

— Saudade? De que? Dos teus soffrimentos passados?

— Sim, talvez: de todos os soffrimentos que fazem hoje a minha felicidade...

— Um paradoxo? Uma incoherencia?

— Nem uma coisa, nem outra... Uma verdade...

— Não te comprehendo, não. Que se tenha saudade de um momento de felicidade; de um raio de alegria; do sonho consolador de um amor de mulher; da suave caricia de uns olhos que se fizeram, um dia, a luz dos nossos olhos ou de um sorriso que foi céo de meiguice e de doçura a descer sobre nós, vá... E' humano, é natural, e grato, mesmo, muito grato ao coração da gente recordal-o... Evocar, porem, desillusões, soffrimentos, dor, para disso ter saudade e disso fazer um motivo de felicidade é pilheria ou é... loucura...

— E' que nunca amaste como eu amei, amando na mulher amada até a tortura com que ella te martyrizava...

— Não faz muito, disseste-me que já não a amavas, que estavas acabando, com o tempo, a obra do esquecimento. Essa mulher, sempre te disse, era uma mulher fatal á tua vida, já tão duramente provada... Tantas outras esqueceste...

— As outras apenas passaram pelo caminho do meu destino...

— E ella, só ella ficou?...

— Sim, porque ella, só ella, foi que deu alma e coração ao meu Destino, enchendo de volupia e de inquietação todo o meu ser deslumbrado, a palpitar e a vibrar, pequenino, pequenino, no calor da sua bocca cheirosa, sob a caricia de seus olhitos negros, na concha de sua mãosinha inquieta, no suave aconchego do seu collo macio, no amplexo carinhoso de seus bracinhos nervosos...

— As outras, todas as outras tambem te deram tudo isto...

— Sem a angustia, sem a inquietação do soffrimento, sem a tortura de uma felicidade que a gente sente que, um dia, nos abandonaria...

— E que te fugiu, roubando a tua paz, a tua alegria, a tua serenidade...

— Deixando-me, porem, com a saudade da sua dor, uma felicidade velada de luto, toda cheia da sua recordação... E tão consoladora, tão consoladora!...

— Uma felicidade feita de dor, de soffrimento, de desespero?

— Sim. Não crês que possa existir uma felicidade assim?

— Pathologicamente, como caso de loucura passional, talvez...

— Escuta: vou ler-te uma pagina, um pequeno trecho de Maeterlick, em *La Sagesse et la Destinée*:

"Si vous voulez apprendre où se cache la felicité la plus sure, ne perdez pas de vue les démarches des misérables en quête de consolations. La douleur ressemble á la baguette divinatoire dont se servaient jadis les chercheurs de trésors ou d'eaux-vives: elle indique á celui qui la porte l'entrée de la demeure oú respire la paix la plus profonde.

.. ..

Il y a ainsi, de par le monde, des êtres dont nous n'apercevons le sourire intérieur qu'á partir du moment oú les larmes qui lavent nos regards, jusqu'en les plus mystérieuses sources, nous ont appris á discerner la présence d'un bonheur qui ne naît pas de la bienveillance ou de l'éclat d'une heure, mais de l'acceptation agrandie de la vie."

— Escutaste bem? Entendeste melhor?

— Sim, meu caro, meu pobre amigo. Sim...

— Choras? Tambem tu?...

— Sim... Tambem eu perdi uma felicidade assim... Uma felicidade feita de dor, de cuja saudade ainda hoje vivo...

— A tua mulher... fatal?

— Não: a minha mulher ideal... A unica a quem realmente amei...

ELCIAS LOPES

UM leitor me envia, com interesse de publicidade, em destaque, as paginas do seu "Diario de um marido de muita sorte".

Sem mais commentarios, aqui vão as palavras do bizarro leitor:

"?—*Janeiro*—1 — Máu, máu! Entrei o anno novo commettendo uma tolice imperdoavel: pedi a mão de uma senhorita. Até agora ainda não beijei essa mão... Sinto, porém, que ella é uma especie de "mão negra" do amor. Que estopada! Atrapalha-me a existencia.

Junho — 12 — Sou noivo ha seis mezes. Apertado pelo circulo de ferro da sociedade — e da familia da joven — a minha Zaira, — vejo que sou forçado a casar-me.

As despesas augmentaram com a representação. Theatros, cinemas, presentes. As convenções me asphyxiam. Quanta formalidade! Bolas! Eu era livre como um canario fóra do alçapão e, agora, sou esse mesmo canario — dentro delle.

A minha sogra é gentilissima, cheia de rapapés. A noiva é um pouco voluntariosa. Por que não me hei de casar com minha sogra? Seria o meio mais pratico de evitar as impertinencias da filha. A mãe de minha noiva não é tão entrada em annos, como eu suppunha. E' viuva. E possúe varios immoveis. A's vezes, me deita cada olhar... Mas, que sacrilegio!... Ouço passos. E' Zaira que entra. Vou esconder esta pagina...

Junho—14 — Arrufos. Zaira é uma "pequena" terrivel.

Vejo que é dessas para quem não se fez a velha galanteria asiatica: "Numa mulher, não se bate nem com uma flor"... Zaira reclama bem o

PAGINAS DE «DIARIO ...»

junco valente de uma bengala. Esperemos.

Junho—16 — Balzac disse que a mulher casada é uma escrava. Mas, é mister saber sentál-a num throno — emendou. Ah, si eu pudesse sentar a minha noiva sobre a cratera do Vesuvio!...

Julho—10 — Na casa de minha noiva anda uma azafama que chega a me fazer mal aos nervos. A gente vive preoccupada com duas coisas capitaes: o sorriso da *pose* photographica, sob as vestes nupciaes, (que palavra cretina!) e o

A illustre cantora brasileira sra. Rosetta da Costa Pinto, que muitas vezes já se fez ouvir e applaudir nesta capital, e é um nome de prestigioso relevo nos nossos circulos de arte e mundanismo, realizou ante-hontem, com successo, mais um recital, no Instituto Nacional de Musica.

Noivar é um compromisso imbecil. E' o mesmo que um sujeito adquirir um artigo numa loja onde se lê esta advertencia manhosa: "Não se acceitam reclamações". E si o artigo fôr julgado imprestavel?

momento do "enfin seuls"! Eu, porem — nada. Fumo e sorrio, ao ver aquella "mise-en-scène": enxoval, preparativos para a hora do "conjugo vobis"; a escolha da santa que ha de figurar no altar e a

quantidade de empadas, doces e chopps para os convidados vorazes...

Casar! Mas, que coisa idiota!

Julho—20 — Eis-me esposo! Que desgraça! O casamento é, na realidade, uma escravidão estupida. Quem casa, só tem um objectivo real: ser feliz. Feliz com a mulher ou com aquella que não foi, mas podia, (ou não podia?) ser sua esposa. Ora, si, para sermos felizes, é necessario nos submettermos voluntariamente, a essa escravidão social, e moral, é melhor tentar a felicidade fóra della. Porque, quando buscamos a nossa felicidade, não é para satisfazer ás exigencias da sociedade e sim ás do nosso coração. E' tudo uma questão de vida interior. A sociedade só nos impõe exigencias. Nunca nos dá aquillo que consideramos a ventura. E quando, depois de attender áquellas exigencias, a felicidade nos falha, a sociedade não vem chorar comnosco o nosso grande fracasso. A sociedade sorri. Simplesmente.

Julho—22 — Ninon de Lenclos, uma mulher intelligente, escreveu: "Une femme aime d'autant plus vivement qu'elle cherche á se le dissimuler". A minha Zaira amava o prato. Não o soube, porém, dissimular. A prova é que morreu hontem, de intoxicação alimentar.

Effeitos do brodio noivado.

"Requiescat in pace! De que escapei! Uff!"

Termina aqui o «Diario».

Que falem agora os outros entendidos no assumpto...

YVES

A Mulher
Chic. CREAÇÃO
JEAN PATOU
Satin Imperial
blanc.

Na tarde fria e dourada
Quando o Artista passou debaixo da amendoeira,
A rajada agitou a verde cabelleira
Sonora da arvore verde, e as folhas sêccas, lento,
Tombaram na avenida asphaltada.

O Artista parou, encantado com vêl-as
A gyrar... a gyrar...
A tombar... a tombar...
Lentamente, a tombar...

O Artista sentiu-se encantado com vêl-as!
Pareceu-lhe assistir a uma chuva de estrellas
Perto de sua mão, rente de seu olhar!

As folhas sêccas da amendoeira
Traçavam linhas curvas, arabescas
E gregas e cubistas no ar... nos céus!

As folhas da amendoeira da cidade
Desfolhavam theorias de saudade
Em gestos tristes de adeus...

Tombavam as folhas, uma a uma,
Como estrellas bizarras, como espuma
Côr de vinho, côr de bruma,
Côr de topazio feito ouro,
Côr de rubi feito sangue!

E o Artista rezou: — Que esquisito thesouro!

Um extase empolgou-o, encantando com vêl-as
A gyrar... a gyrar...
A tombar... a tombar...

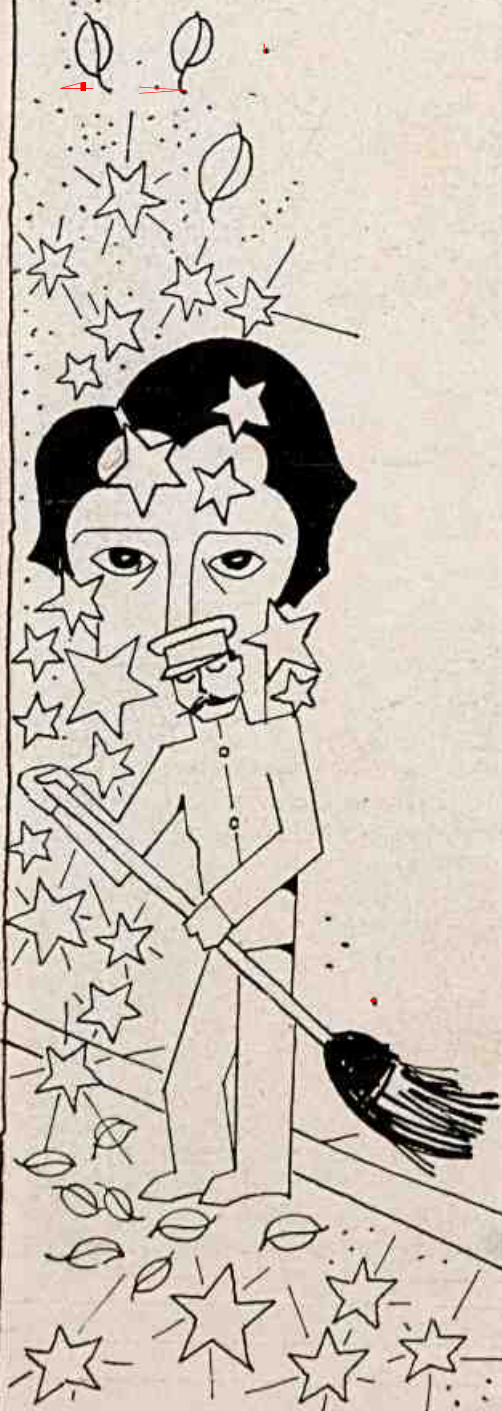
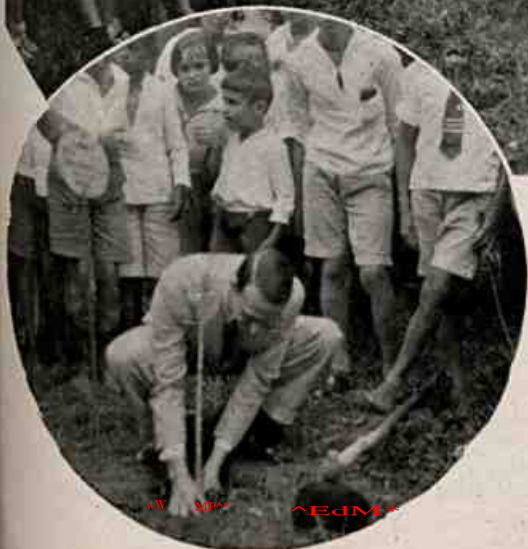
Parecia-lhe ver uma chuva de estrellas
Rente de seu olhar! perto de sua mão!

E as folhas sêccas foram amontoar-se na rua
E ficaram, dormindo, esquecidas no chão...

O Artista sentiu a atra melancolia
Que a Vida tem. E foi-se... atraz de seu Destino...

Veiu o «gary» com a carrocinha: olhou a rua;
Varreu, de mau humor, as folhas da amendoeira;
Sorriu á tarde poente e fria;
Accendeu o cachimbo e fumou de alegria...

Rodou a carrocinha atraz do seu destino...
Tambem ganhára o dia...

EDUARDO TOURINHO

Sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme inaugurando a nova residencia da Missão Libaneza Maronita no Rio de Janeiro, á rua Conde de Bomfim, 638, que recebeu, nessa occasião, a benção do illustre chefe da Igreja Brasileira.

No Horto Florestal da Gavea realizou-se a 21 do corrente a commemoração annual do «Dia da Arvore», com a ceremonia symbolica que sempre constitue a nota principal daquella expressiva festa. Estiveram presentes á solennidade, além do director geral do Serviço Florestal, dr. Assis Iglesias, outras altas autoridades.

O escriptor Carlos Maul foi o orador official da Festa da Arvore, e produziu brilhante discurso, que mereceu vivos applausos da assistencia.

Caverna de Ali Babá

O dr. Alberto Carlos de Assumpção, que é uma figura de grande prestigio nos circulos intellectuaes e sociaes do Rio de Janeiro e de São Paulo, deu tréguas á sua actividade material para escrever um poema lyrico, intitulado «O sonho de Sakuntala», e produziu uma obra na qual se affirma um alto e harmonioso poeta e um artista da mais fina sensibilidade.

INSTANTÂNEOS

TAGORE — *Suggestiva e decorativa figura de aedo classico do Oriente mysterioso e lendario. Tunica talar. Olhos de sonho, de suggestão e de fogo. Longa barba prophetica de prata. Cabellos de Nazareno. Philosopho lyrico. Semeador de pensamentos e melancolias.*

Sua poesia é um ideal que fluctua sobre a multipla e grosseira materialidade da vida. Sonho sem patria definida. Sonho profundamente humano. Paladino da suavidade, da meditação e da justiça, vive dentro desse sonho, que é o mesmo que, desde Homero até Victor Hugo, canta no coração da humanidade.

GANDHI — *é um martyr. Um exemplo integral. O politico moral na mais lata expressão. Prega uma idéa e supporta os tormentos physicos que são sua consequencia. Usa da palavra e pratica os actos que com ella aconselha ao seu povo. Sua alma e seu corpo estão sempre de accordo no largo caminho da razão. Sua voz, ora é um clarim de guerra, ora uma parabola de apostolo. Cada acto seu fica marcado com sangue. Politico oriental á maneira dos prophetas de que nos falam as Escripturas. Verdade na alma e dor na carne.*

Por isso, sem duvida, o mundo occidental, distanciado delle, não o sente e não o comprehende.

TOLSTOI — *Cypreste da dor. Symbolo da febre de justiça e redempção que atormentou os mysticos da Russia em todos os tempos. Soffredor até o desespero e sacrificado pelo genio, como Beethoven. Sombrio e voluptuoso ao mesmo tempo, porém sabendo domar seus instinctos como se doma um potro selvagem. Homem que, durante toda sua longa existencia, parecia ter séde das caricias. Sua maior voluptuosidade são as lagrimas. Solitario perdido dentro de si proprio. Discipulo russo de Jean Jacques Rousseau, pondo-se á margem da sociedade para poder dizer-lhe sinceramente o que della pensa. Vida que foi uma perenne reacção generosa contra as injustiças do mundo.*

SEZAMO.

UM ESCRIPTOR

Gomes Netto é um desses espiritos moços que trazem dentro de si um mundo radioso de luz e de sonho. Seus contos, que FON-FON tem publicado e que agoraforam enfeixados num volume, reflectem uma imaginação inquieta e uma sensibilidade communicativa, facil de ser penetrada pelo leitor. Gomes Netto deu ao seu livro o titulo do primeiro conto nelle inserto: — «A Vida Eterna», cujo entrecho se engalana de uma phantasia palpitante de audacia e actualismo. Os demais trabalhos, dentro das suas variantes, ajustam-se ao mesmo vigor intellectual. «A Vida Eterna» é um livro que póde perpetuar, alliando-se ao prognostico do titulo, a obra e o autor.

Thomas Leonardos, autor do romance «Os inaptados», que acaba de apparecer, e sobre o merito do qual já se pronunciou, na secção competente, o critico literario de FON-FON.

Uma grande figura da medicina franceza

O prof. dr. Léon Dufourmentel é uma eminente figura da medicina franceza. Em Paris, o seu nome é vastamente conhecido e muitos são os trabalhos de cirurgia esthetica, sua especialidade, que tem realizado com exito. Commissionado pelo Ministerio da Educação, da capital franceza, e pela Société des Chirurgiens, o prof. Dufourmentel, que se acha presentemente no Rio, veiu fazer aqui, e nos demais paizes sul-americanos, uma série de conferencias sobre aquelle ramo da medicina. Vindo de Buenos Aires e Montevidéo, já levou a effeito, entre nós, varias operações, auxiliado pelo notavel medico brasileiro dr. Augusto Linhares, seu illustre collega, tambem especialista na materia. O scientista francez, durante a sua estadia nesta capital, fará quatro conferencias, sendo uma na Academia Nacional de Medicina e as demais, na Academia de Letras, no Rotary Club e na Sociedade de Estomatologia.

O professor Léon Dufourmentel.

O prof. Dufourmentel é autor de varias obras de cirurgia plastica, entre as quaes se destacam o Traité de chirurgie des blessures de la face et du cou e Chirurgie esthetique des seins. E' elle o continuador da obra do prof. Sibileau, da Faculdade de Medicina de Paris.

Seu regresso á França se dará no proximo dia 4, a bordo de "L'Atlantique".

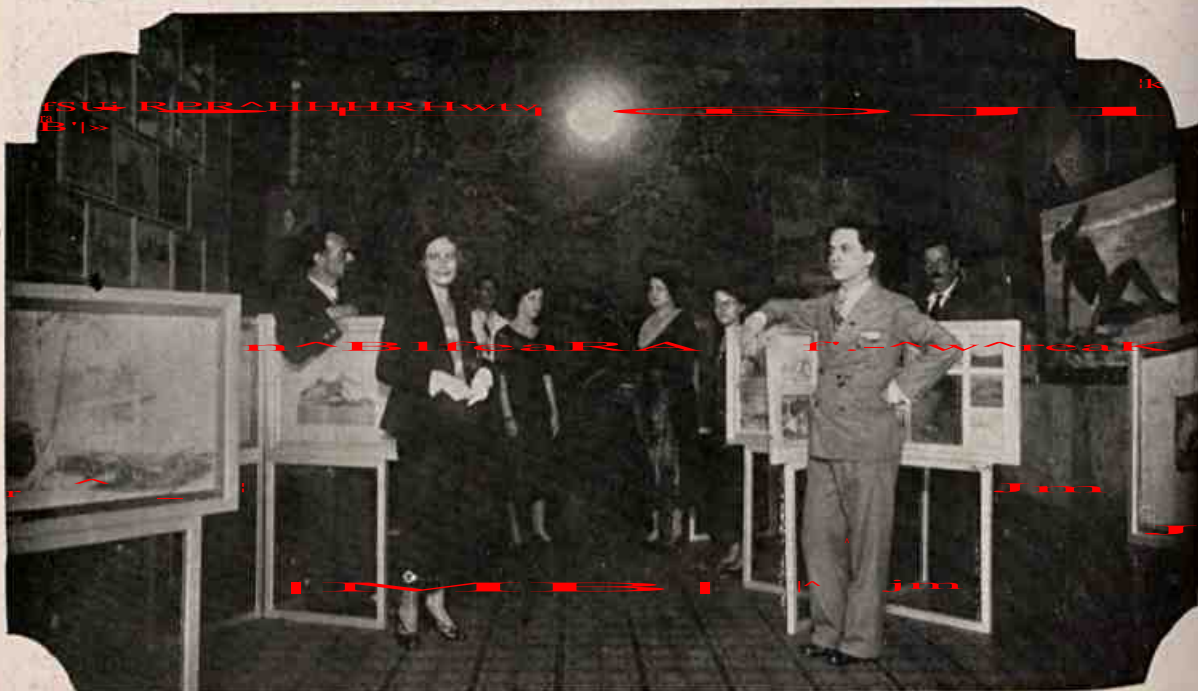
Constituiu uma nota mundana de repercussão em nossa alta sociedade o enlace da senhorita Edila Carvalho Rocha com o sr. Octavio de Ipanema Moreira, realizado no ultimo sabbado, nesta capital, onde residem os noivos, que ahi se vêem ladeados das senhoritas que serviram de «demoiselles d'honneur» na cerimonia.

Grupo tomado por occasião da solennidade da posse da segunda directoria e conselho fiscal da Associação de Damas Protectoras da Infancia, em Jacarépaguá, vendo-se, ahi, entre outras pessôas gradas, os drs. Belisario Penna, director geral do Departamento Nacional de Saúde Publica; Samuel Uchôa, director do Serviço Rural; Manoel Pinto, chefe do Centro de Saúde de Jacarépaguá, Savasse, chefe do Serviço de Lactarios, e Aloysio Costa, director do Lactario de Jacarépaguá.

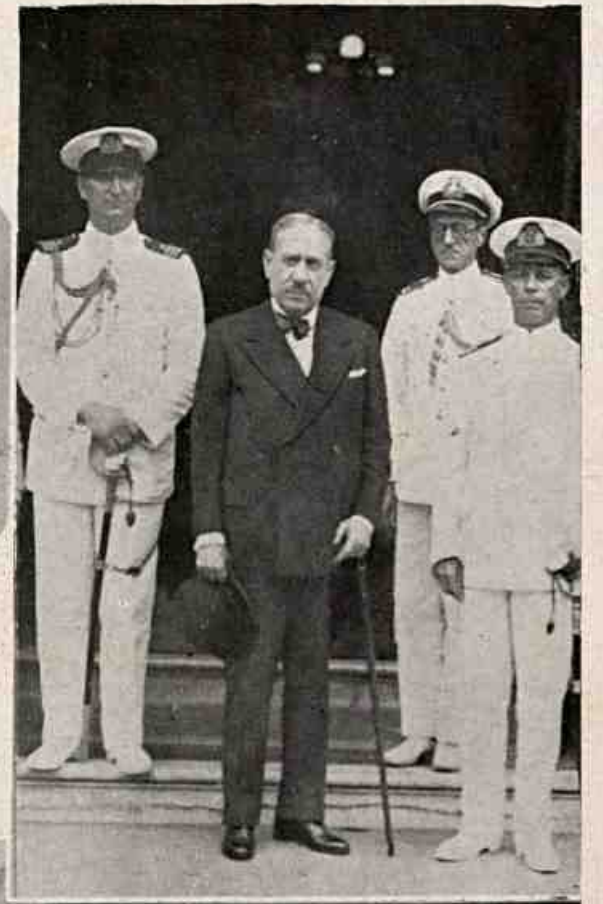
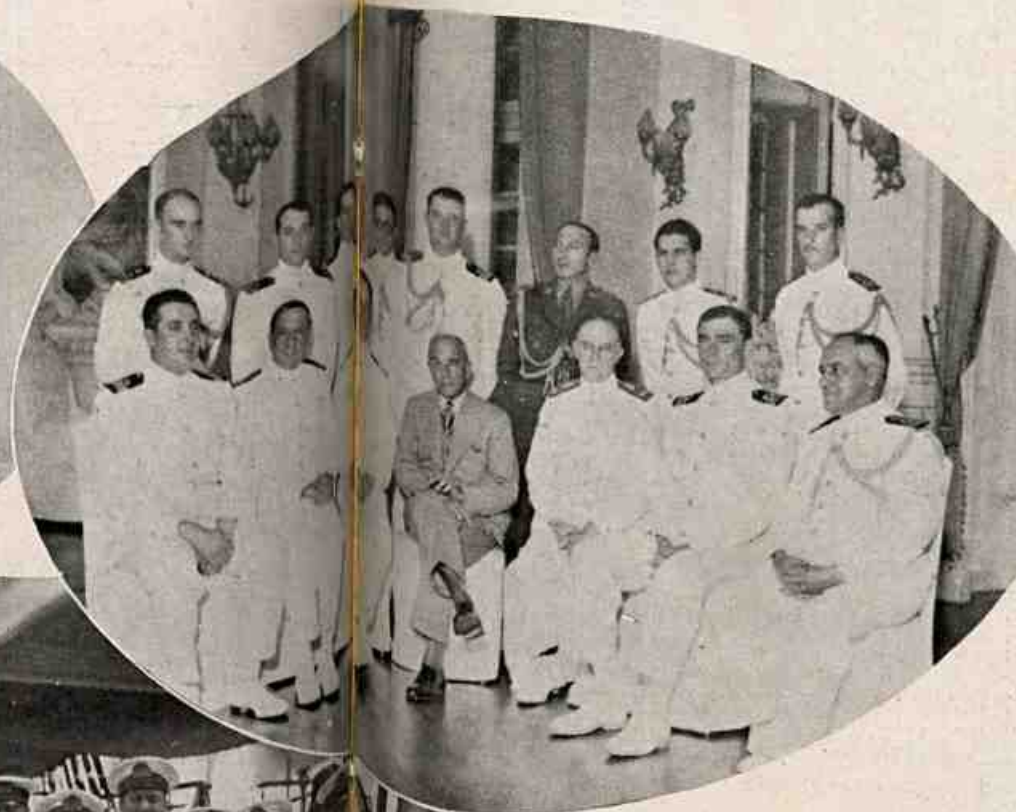
O ANNIVERSARIO DO AUTOMOVEL CLUB DO BRASIL

DEVIDO á situação anormal, que o paiz atravessa, a sociedade carioca ficou privada, este mez, do grande baile de anniversario que, todos os annos, no dia 27, o Automovel Club do Brasil promove nos seus luxuosos salões da rua do Passeio, para commemorar a data de seu anniversario.

Segundo communicação feita na ultima tertulia do Comité de Imprensa, pelo seu director dr. Nelson Pinto, essa festa tradicional se realizará opportunamente, logo que cessem os motivos da anormalidade alludida.

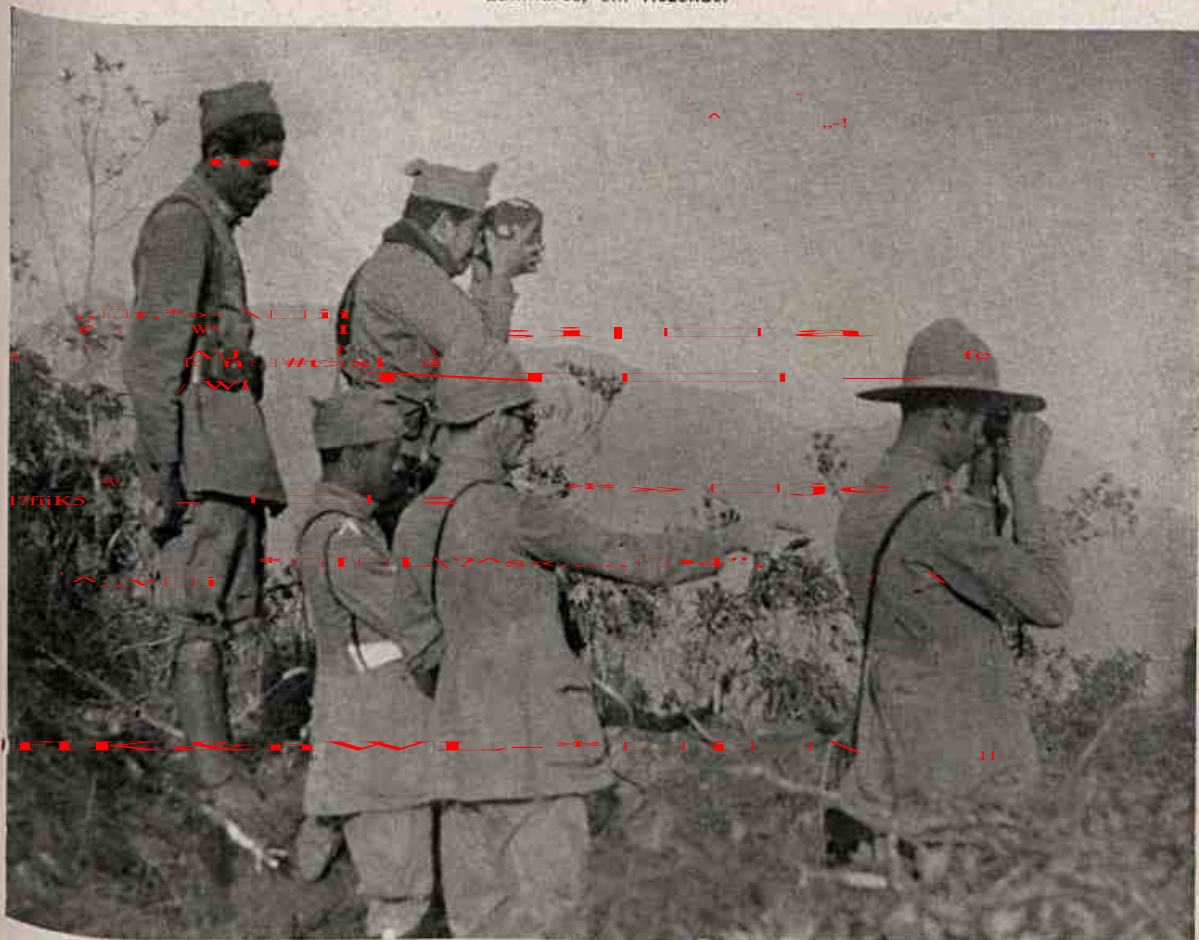
Registrando, porém, a data de 27 de setembro, desejamos fixar neste ligeiro topico as congratulações da élite social carioca com o seu Club predilecto, salientando nessas congratulações a acção patriotica e benemerita de seus directores, nomeadamente dos drs. Carlos Guinle, Nelson Pinto e Povina Cavalcanti.

Os pintores Oswaldo Teixeira e Bruno Lechowski inauguraram na semana passada, no largo da Carioca, 14, uma original exposição, a que deram a denominação de «Cineton», e na qual expõem os seus ultimos trabalhos, affirmações brilhantes do valor desses dois illustres artistas. E' um flagrante do acto inaugural dessa mostra de arte o que fixa o nosso «cliché».

Entre as festas com que foram homenageados nesta capital o commandante, officiaes e guardas-marinha da fragata «Presidente Sarmiento», sobresahiu, pela expressão de cordialidade e pelo brilho de que se revestiu, a recepção offerecida na séde da embaixada argentina, pelo dr. Mora y Araújo, illustre embaixador do paiz vizinho e amigo junto ao governo brasileiro. Vêem-se, no nosso «clichê», o embaixador Mora y Araújo e o commandante Benito Sueyero, e dois aspectos dessa brilhante festa.

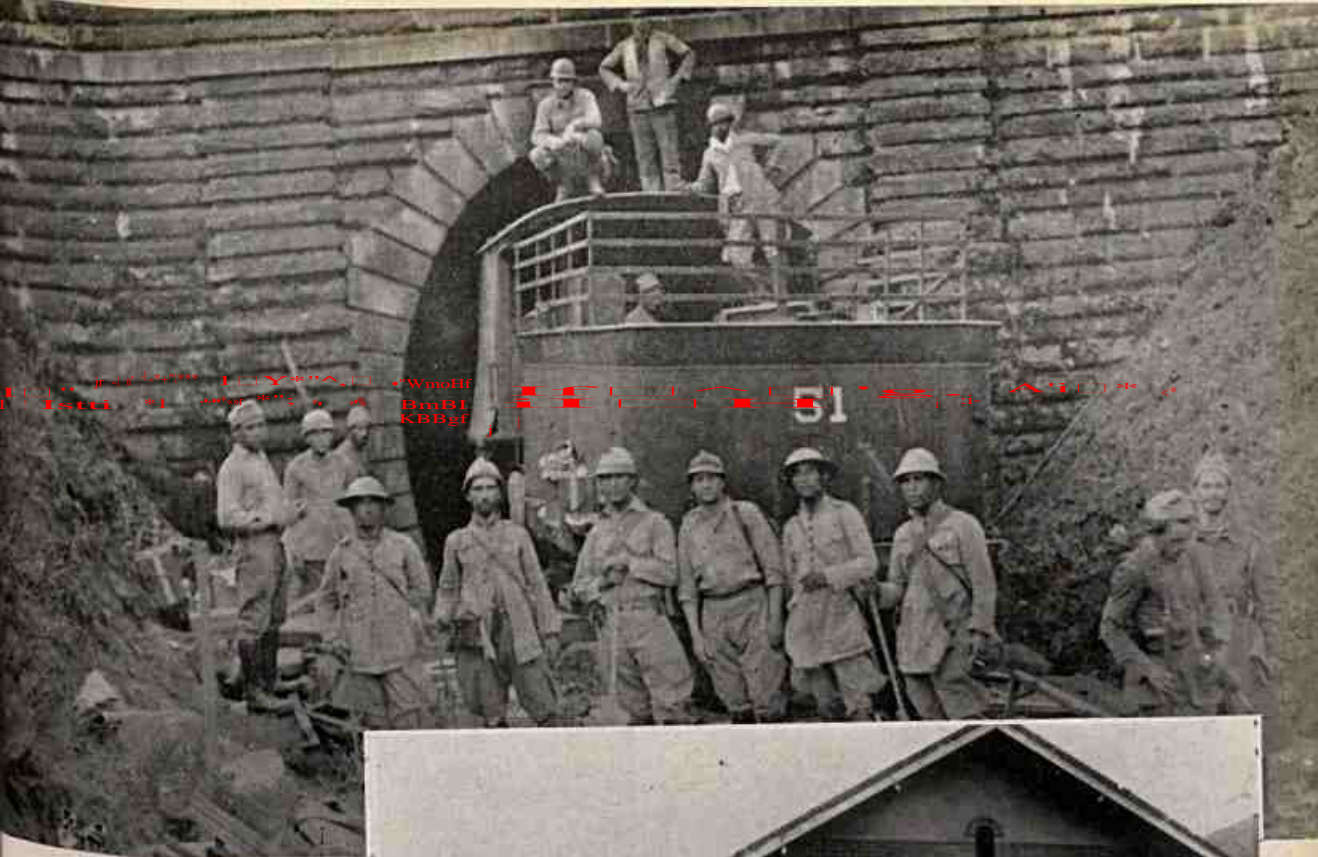
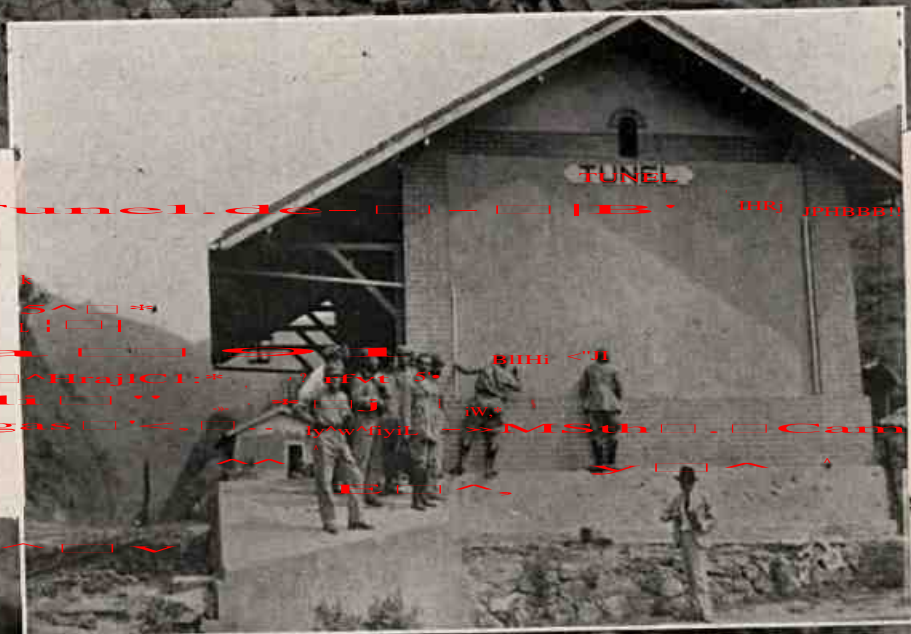
Guardas-marinha argentinos em viagem de instrucção

De muita cordialidade e sympathia foi a visita que a fragata argentina «Presidente Sarmiento» nos fez a semana passada. O navio-escola da Armada da Republica realiza o seu 32.º cruzeiro de instrucção e conduz a bordo os aspirantes [illegible] da turma do corrente anno. Regressa a Buenos Aires após uma ausencia de [illegible] e depois de ter recebido, nesta capital, as mais expressivas homenagens [illegible] da nossa Marinha de Guerra e da sociedade carioca. Esta pagina focaliza [illegible] lhes da visita da «Presidente Sarmiento», cujo commandante, o capitão [illegible] Benito C. Sueyero, se vê no recorte. As outras photographias fixam [illegible] grupo [illegible] officialidade e com os guardas-marinha do navio-escola argentino, [illegible] que também se vê, e um aspecto tomado por occasião do almoço que o ministro da Marinha [illegible] rante Protogenes Guimarães, offereceu ao commandante Benito Sueyero [illegible] officiaes da «Presidente Sarmiento». Apparece igualmente numa das nossas [illegible] phias o embaixador da Argentina, dr. Mora y Araújo, que acompanhou o [illegible] Sueyero na sua visita ao chefe do governo provisorio.

O presidente do Tribunal Regional Eleitoral, desembargador Ataulpho Napoles de Paiva, que é tambem, o vice-presidente da Côrte de Appellação e membro da Academia Brasileira de Letras, visitou, sabbado ultimo, a Associação Brasileira de Imprensa, para agradecer ao presidente da aggremiação dos jornalistas, dr. Herbert Moses, a sua presença na cerimonia da abertura dos trabalhos do alistamento eleitoral no Districto Federal. No «cliché» acima vê-se s. s. ao lado do presidente da A. B. I., que o saudou com brilhantes palavras, e cercado de outros jornalistas.

O Grajahú Tennis Club realizou sabbado ultimo, a festa de coroação de sua «rainha», a senhorita Cleia de Oliveira Santos, que, eleita em recente concurso organizado pela directoria daquella sociedade, recebeu, assim, em linda solemnidade, a consagração dos seus muitos admiradores.

O coronel Pessôa, chefe do estado maior do general Góes Monteiro, em companhia de seus auxiliares, em Rezende.

Flagrante tomado no pico do Crystal (zona do Tunel), numa altitude de 1850 metros, vendo-se, da direita para a esquerda, o tenente Jarbas, o capitão Pelio, o tenente Lourival, da Força Publica Mineira, e o operador cinematographico do Estado Maior, sr. Horacio Coêlho, quando apanhava uma vista da cidade de Cruzeiro.

EM CRUZEIRO

Fragrantes da occupação de Cruzeiro pelas forças mineiras. O coronel Lery, o tenente-coronel Dutra e outros officiaes do Exercito e da Força Publica de Minas naquella localidade paulista. As tropas de occupação entrando na cidade. Um grupo tomado numa das ruas centraes de Cruzeiro.

Aspectos do Tunel depois de occupado pelas tropas mineiras, vendo-se ao centro a estação desse nome e, em baixo, a machina que obstruia a entrada daquella galeria subterranea e alli collocada pelas forças paulistas.

No alto: o coronel Lery em visita ao S. A. de Engenharia da Força Publica Mineira, installado na fazenda de São Bento. Ao centro: a) Serviço de Saúde do 7.º B. I., chefiado pelo capitão dr. Octavio de Brito; b) trincheira de metralhadoras do 2.º B. S., no flanco esquerdo do Tunel. No medalhão: instantaneo em que se vêem os coroneis Vargas e Lery e o capitão Santanna, nas proximidades de Cruzeiro.

Pelo menos, é o que diz um periodico francez, commentando o facto da seguinte maneira:

"A valsa renasce. Os que a haviam esquecido agora a dançam com tanta fúria que, nos cabarets e outros lugares onde se rende culto a Terpsichore, as orchestras não tocam outra coisa.

Aos que não estão ligando — como se diz na gyria — a essa historia de dança pouco faz que os dançarinos prefiram a valsa ou os passos bárbaros do Pampa e da África. Mas a gente velha deve sentir grande prazer com a ressurreição da musica romantica que lhe recorda o bom tempo do frack, da cartola e do collarinho engommado, quando, depois dos compassos de sobre as ondas, se preparavam para as marcas das quadrilhas.

Tropas do 8.º R. I. abrindo trincheiras no flanco esquerdo do Túnel.

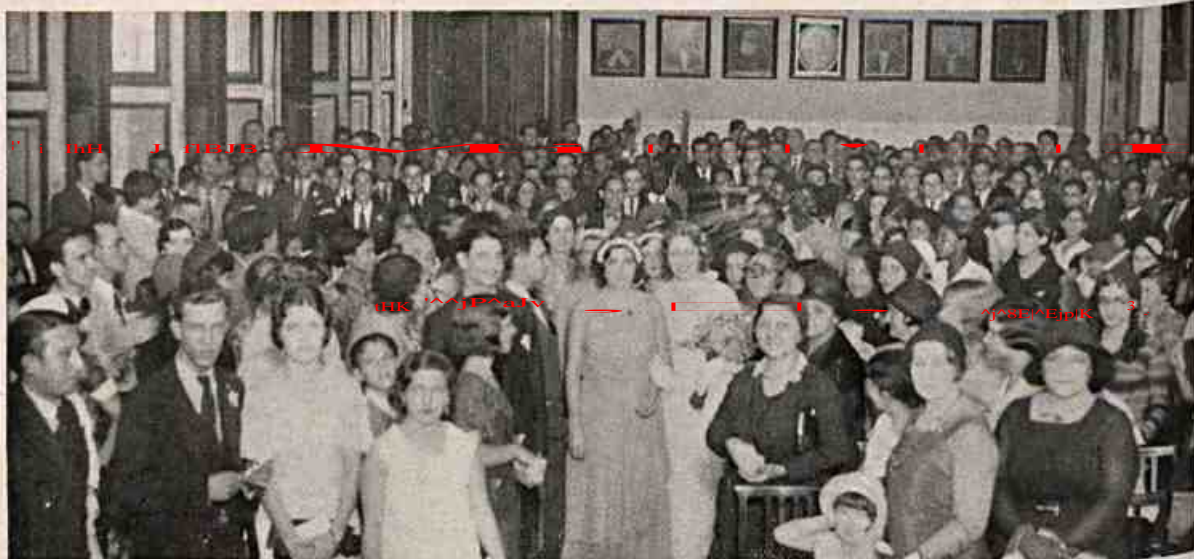
Uma metralhadora do destacamento Vargas prompta para entrar em acção.

RESSURREIÇÃO DA VALSA

Depois de longa e farta ingestão de musicas dançantes modernas que a humanidade tomou, tangos, foxes, charlestons desarticulados e sambas, a Europa voltou outra vez a preferir a valsa.

O coronel Lery no pico do Crystal, cercado de officiaes de seu estado maior, e quando observava as posições revolucionarias.

Canhão das forças dictatoriaes, no sector de Itaguaré.

Drs. Bayard Lucas de Lima, Christovão Miranda e Juscelino Kubitschek, do S. S., no P. C. Lery, nas proximidades do Túnel.

Realizou-se no salão nobre do Lyceu de Artes e Officios a festa de coroação da «rainha» dos alumnos daquelle estabelecimento, senhorita Nina Pires, que os seus collegas acabam de eleger em movimentado concurso promovido pela «Revista das Escolas». E' um aspecto dessa solemnidade o que focaliza o presente «clichê».

PORQUE EU AMO O RIO DOCE

Quando a lua vem derramar sobre as suas aguas quietas a doçura do seu beijo, elle se deixa ficar na minha imaginação como o ultimo vestigio de uma felicidade que passou...

Eu podia odiál-o. Mas não o odeio. Ao contrario, canto na minha saudade a belleza dos seus mysterios insondaveis.

Eu não devia fitar as suas espumas, porque me falam da brancura lyrial do corpo de alguem que se occultou, por força do destino, na pureza das suas aguas...

Eu não devia ouvir o murmurio lento das suas correntes, por que ellas fazem reviver na inquietude do meu pensamento o soluço dos que a viram partir no crepusculo da tarde côr de cinza...

Eu não devia desencantar nos meus poemas o encanto da sua belleza, porque ella attrahiu para o seu fundo enigmatico aquella que povoou a minha solidão e me faz transpôr sacrificios para a conquista da celebridade.

Eu não devia amar o Rio Doce, porque elle tem a maior culpa de eu ser poeta. Eu o amo. Amo pelo prazer de amar. Amo o murmurio das suas aguas crystallinas. Amo o Rio Doce porque elle guarda no seu leito, como num tumulo, o corpo daquella que partiu no crepusculo da tarde côr de cinza...

Edwaldo CALMON

O HOMEM QUE BEBE...

Visto por um medico: um caso perdido.

Por uma noiva: um máu partido.

Por uma esposa: um pobre viciado.

Por uma sogra: um vagabundo.

Por outro bebedo: um camaradão.

Por uma beata: um corrompido.

Por um boticario: um consumidor de sal de fructas.

Por um botequineiro: um optimo freguez.

Por um homem serio: um louco.

Pelo figado: outra vi-ctima.

Pela Lei Sêcca: um expoente da degradação.

Por um fabricante de bebidas: um propagandista.

E por elle proprio?

Conforme. Antes da chuva: um desgraçado.

Depois: um felizardo.

De modo que não merece muita fé, nem ter-rece muita fé, nesse ino in vino veritas...

Neyla, a galante filhinha do sr. A. Leal V. da Costa e da escriptora sra. Heloisa do Amaral Leal da Costa (Yára do Rio), entre um grupo de amiguinhos, na residencia de seus paes, em Petropolis.

O «team careta», que venceu o campeonato de «volley-ball» promovido pelo «Grupo dos Aquaticos», filiado ao Club Internacional de Regatas, e realizado, com grande exito, de junho a setembro deste anno. São os seguintes os jogadores que formam o «team» campeão: Hugo P. Barata, José Guimarães, José Lyra, Waldemar Areno, Armando Castro, Affonso R. Castro e Gastão Menezes.

FON-FON no cinema

Aviadores... sem avião.

A NOIVA DO CE'U

(Sky Brid)

UMA SUPER-PRODUCÇÃO DA PARAMOUNT

Com Richard Arlen, Robert Coogan, Jack Oakie e Virginia Bruce

ENTRE os intrepidos aviadores do *firmamento* e conquistadores da vastidão dos ares destacavam-se os tres inseparaveis amigos, Speed Condon, Eddie Smith e Bill Adams, que coadjuvados por Alec Dugan, exhibiam suas façanhas aereas em feiras livres e festivaes campestres.

São e salvo, para alliança daquelle amôr.

A mania de aviador nasceu com o gury.

Alec era quem attrahia o publico para o campo de aviação.

— São tres aguias humanas! — bradava Alec, com enthusiasmo, aos visitantes. Em primeiro logar, apresento-lhes Bill Adams, metade corvo, metade aguia, e, em segundo logar, vem Eddie Smith, que desafia ousadamente as leis de gravidade. Por fim, apresento-lhes Speed Condon, o aviador destemido, meio homem e meio gato.

Os tres aviadores subiram aos ares e executaram perigosos exercicios aereos terminando pelo vôo da morte, que consistia em pôr fóra de combate o que se deixasse rodear pelos outros. A victoria coube a Speed Condon.

A aterrissagem foi feita em perfeita ordem, e Alec chamou novamente a attenção do povo para o passeio em aeroplano a cinco dollares por cabeça, mas ninguem fez caso e os tres aviadores depressa se convenceram de que tinham trabalhado de graça. Eddie foi o primeiro a queixar-se, não só dos máus negocios, como da ousadia de Speed no vôo da morte, asseverando que estava arriscando a vida por bem pouco.

No dia seguinte, de manhã, os quatro amigos já estavam em Springdale, onde exhibiriam novamente suas façanhas numa grande feira. No hotel, para passar tempo, jogaram poker e Speed ganhou o dinheiro dos outros. Apesar de serem muito amigos, Eddie sentiu-se, e Speed prometteu tornar-se ainda mais audacioso na exhibição aerea do vôo da morte, affirmando que nessa tarde esbarraria com o avião de Eddie.

Speed não se demorou a executar a sua promessa, mas calculou mal a distancia, e, em vez de roçar, abalroou com o avião de Eddie, causando-lhe a morte. As autoridades declararam que a

O premio do heroismo.

morte fôra sómente um accidente de aviação e não prenderam Speed, que, arrependido, jurou não tornar a voar.

Gastas as suas economias, Speed tratou de procurar um emprego e, caminhando de povoação em povoação, teve o ensejo de concertar o automovel da formosa Miss Ruth Dunning, que depois lhe arranjou um emprego numa fabrica de aeroplanos.

Na casa de pensão, Speed affeiçoou-se a Willie, o neto da proprietaria. Willie, que completára oito annos, queria voar num pára-quédas e escondia-se nos aeroplanos que tinham de ser experimentados antes de ser vendidos.

Semanas depois, Speed descobriu que a sra. Smith era a mãe do mallogrado Eddie e resolveu sahir da povoação para sempre, mas um operario veiu avisal-o que o pequeno Willie conseguira agarrar-se a uma das rodas de aterrissagem de um aeroplano que subira. No campo de aviação não estava um unico aviador e o operario insistiu com Speed para ir salvar Willie.

Speed accedeu, enfiou um pára-quédas e conseguiu agarrar o pequeno a uma grande altura, collocando-se em cima do avião. O pára-quédas abriu-se, e Speed, com Willie ao cólo, aterrissaram sãos e salvos.

Por sua vez, a sra. Smith descobriu que Speed fôra o unico culpado da morte de seu filho Eddie, mas resolve perdoar-lhe porque elle se redimira ao salvar a vida de seu netinho.

Ruth felicita Speed e a allegoria final do primeiro beijo põe termo a esta empolgante historia de aventura e de amor.

Arrependimento.

Uma victima da guerra. A imagem da desillusão.

O DIREITO DE AMAR

Da FILM D'ART — (Programma Argus)

com *Evelyn Holt* — *Henry Stuart* e *Igo Sim*

CASARAM-SE Erwin Fost e Evelyn. Elle era uma das melhores fortunas da cidade, industrial de nome e ainda moço. Ella, uma linda creatura, nova e amorosa. Entretanto, antes de se casar, vira-se elle na contingencia de lhe revelar um segredo... Era uma victima da guerra. Ferido, achava-se agora em condições de, embora casando-se com ella, não passar de

A esperança que renascia.

um amigo terno, um irmão carinhoso... E Evelyn, adorando-o e não alcançando todo o sentido daquella revelação, disse-lhe o desejo immenso de tornar-se sua esposa. Casaram-se e, em viagem de lua de mel, percorreram o mundo. De volta á cidade natal, Evelyn começou a sentir a sua verdadeira situação em face do lar de sua cunhada, Dolly, irmã de Erwin, possuidora de um esposo adoravel e mãe

Afinal, qual dos dois tinha menos juizo?

de uma criança interessantissima. E seu ser começou a sentir um anseio immenso por alguma coisa que lhe faltava. Nessa disposição de espirito, foi uma noite á casa de sua cunhada, lá encontrando o joven Jean Chatain, figura de sociedade, *double* de artista; encantador com a sua prosa, sabendo tocar piano e ser eximio dançarino. Sentiu-se attrahida para elle, da mesma fórma que elle sentiu logo os encantos que della emanavam. E, nessa noite, já Evelyn viu que não dormia só, pois lhe ficára uma recordação agradavel da *soirée*. Insistiu junto ao marido para a realização de uma festa em sua casa. Seria um pretexto para ter de novo Jean a seu lado. Só então Erwin começou a comprehender que alguma coisa séria deveria haver entre elles, o que o levou a convidar o seu hospede a visitar sua collecção de armas, feito o que, lhe mostrou uma pistola que tinha a sua historia de amôr e adulterio...

Terminou por convidar Jean a cessar sua assiduidade junto de sua esposa. Não o recebendo mais em sua casa, Evelyn sentiu a attracção immensa que Jean exercia sobre ella, e foi a um encontro marcado por elle. Alguns dias depois, sempre leviana, conversava com o seu amante pelo telephone, quando foi apanhada em flagrante pelo marido. Teve de confessar toda a verdade: buscára o amôr pelo direito que tinha de amar... E, mais ainda: dada a nova situação, não poderia permanecer ao lado delle. Cheio de desespero, Erwin toma daquella pistola historica e corre á casa do outro. Diz-lhe o seu odio. Invectiva-o por ter roubado a sua felicidade, ao que Jean responde com uma verdade: elle, sim, roubára a felicidade de Evelyn, promettendo-lhe, com o casamento, o que não lhe poderia dar. E eis que chega Evelyn. Vendo-os juntos, Erwin comprehendeu toda a razão dada pelo outro. Sim, elle era o unico culpado.

Sob o dominio da paixão.

CAIXA DE SURPREZAS

UM... PLEITO, EM CEILÃO — Isto occorreu em Yohannesburgo, Africa do Sul. O leiloeiro poz á venda o pleito, com *todos os seus direitos*, e quem o comprou pagou apenas dez libras esterlinas. Tratava-se de uma demanda por damnos e prejuizos contra uma companhia de seguros, proposta pelo proprietario de um automovel. Não podendo o mesmo custear as despesas do processo, decidiu-se a vender os seus *direitos*. Reclamava uma somma de 970 libras esterlinas.

Se o comprador ganha a questão terá feito um optimo negocio, pois os gastos, na realidade, não eram tão elevados.

HERANÇA INESPERADA — A senhora Lily Prior era casada com um *chauffeur* de Honlett, nos Estados Unidos. Como fossem bem parcos os ganhos de seu marido, Mrs. Prior resolveu empregar-se como creada, afim de augmentar um pouco a receita domestica.

Ha pouco mais de quatro mezes, o carteiro entregou-lhe uma carta, procedente da Inglaterra, na qual lhe communicavam haver ganho uma questão judiciaria, iniciada por seu bisavô, sobre os direitos de uma herança. A fortuna que Mrs. Prior recebeu ascende a dois milhões e meio de libras esterlinas.

A nova millionaria, conforme declarou, pensa em destinar uma parte, deste capital á fundação de um asylo para creadas velhas, que já não possam trabalhar.

Escriptores e livros

Silvino C. Silva — LIRIOS MORTOS — S. Paulo — 1932 — 6$

O autor explica na introducção do livro: "*Lirios mortos*, encerrando um punhado de versos classificados de sentimentaes, nada mais é que o resultado de um parentesis aberto em minha vida. Trazido á luz sem qualquer interesse material — porque aí seria trair a sua substancia primacial — *Lirios mortos* só tem a ganhar a estima dos bondosos e a admiração dos sinceros. Esse o seu escopo".

Muito bem. Agora um conselho, dos mais sinceros: feche o autor o parentesis... Os poemas sentimentaes do sr. Silvino Silva, pela sua natureza, melhor ficariam encerrados numa gaveta. São demasiadamente antigos, não exprimem nada, perdem-se pela vulgaridade. E' pena, pois o autor é bem intencionado, pretendendo correr em soccorro dos que soffrem.

P. Huberto Rohden — O EDEN DO LAR — Liv. Globo — Porto Alegre 1932 — 5$

O que se pretende combater neste livro, é o divorcio. Como padre, o autor encara o assumpto, do ponto de vista da Igreja, repisando argumentos gastos pelo tempo. Entende o reverendo que a felicidade do lar está garantida pela indissolubilidade do casamento, e destruida pelo divorcio. Discorrendo sobre a sua these, vae até a organização da familia bolchevista, isto é, ao ponto extremo, para convencer o leitor que o divorcio é um crime monstruoso! São idéas respeitaveis, mas que podem ser combatidas com vantagem, collocando-se os antagonistas num meio termo. Isto, entretanto, quasi nunca acontece, e bem se vê que o padre só conhece o casamento em theoria.

Virgilio Ramos da Silva — NÃO SO'... — Rio — 1932

O titulo deste livro certamente foi escolhido em algum bazar de idéas extravagantes. Não só... Não só do pão vive o homem. Será?! E' justamente o contrario. O autor vive preoccupado com os assumptos de ordem social, e pretende materializar tudo, pela força do trabalho. E' um reformista, a mais, que o Brasil conta para salvál-o do abysmo em que se precipita...

Apesar de possuir idéas um tanto vagas, acerca dos assumptos que explora no seu livro, o autor deve estar convencido de que é um doutrinador, unico no genero. Pois é contar com o tempo, factor certo, real, positivo, e a Patria lhe será agradecida.

Cacy Cordovil — A RAÇA — Liv. Globo — P. Alegre — 1932 — 5$

O illustre sr. Rocha Pombo apresenta a autora deste livro de contos como um caso singular de precocidade, que espanta. Deve-se, portanto, abrir o volume, com absoluta confiança, tanto mais quanto o prefaciador affirma, linhas adeante, que *estamos em presença, não só de uma pujante mentalidade, mas tambem de um espirito com todas as grandes virtudes de um escriptor feito.*

Sem duvida, a estréa é feita com um bello livro, digno do nosso melhor acolhimento, mas temos tam-

bem de reconhecer que o provecto mestre carregou a mão no enthusiasmo pela escriptora.

Revelando a sua capacidade de exposição, isto é, descrevendo com relativa facilidade, a autora não possúe, entretanto, as mesmas qualidades de imaginação ou poder inventivo. A ausencia desta ultima virtude annula em parte a outra, privando a escriptora do nosso incondicional elogio.

Cacy Cordovil é um espirito brilhante, intelligencia penetrante, que surge no terreno das letras com todas as probabilidades de victoria.

Mas, está ainda longe de causar espanto, e, certo, jamais causará.

Os contos do volume agradam sobretudo pela harmonia e equilibrio das idéas.

Alipio Rama — TAÇA QUEBRADA —

Rio — 1932

QUEM abre o livro de Alipio Rama, e lê as primeiras palavras do autor, apresentando-se, percebe desde logo que está em contacto com uma grande intelligencia, muito embora a irreverência da sua falsa modestia. Mas, o essencial está feito. Isto é, Alipio Rama escreveu um lindo livro de versos, dos melhores ultimamente publicados. Um poema de amôr, de encantadora sensibilidade, que por vezes embriaga os nossos sentidos, transportando-nos para regiões maravilhosas. Harmonia, belleza, eis o traço caracteristico da obra deste poeta *de verdade*. Aqui está um exemplo, apanhado ao acaso, em abono do nosso juizo: *Inquietude*.

Trago meus olhos ansiados da tua graça
e minha boca saudosa da aleluia da tua boca,
e minhas mãos inquietas
na advinhação deslumbrada do teu corpo!

Porque demora tanto a benção da tua graça,
e a aleluia da tua boca,
e o divino deslumbramento
do teu corpo!

Outro mais: *Filosofia*.

Vamos beber pelo cristal da mesma taça
a irresistivel tentação do mesmo vinho!

Ai! como é loiro, e transparente, e perfumado!
Como esta côr seduz! como este aroma encanta!

Fugir á tentação magnifica, por quê?
Apenas porque é forte!... apenas porque é bela!...

Felizes os mortais a quem a vida tôda
se diviniza no hemisferio duma taça!

Repara, meu Amor: a vida não é mais
que uma assunção de vinho loiro e perfumado,

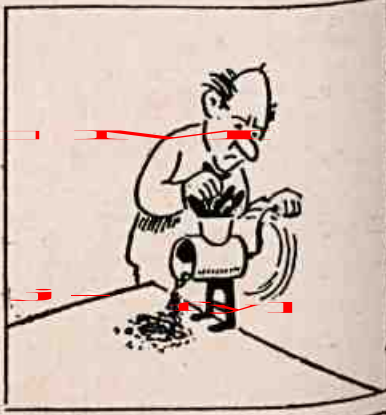
o gesto de um abraço, o fremito de um beijo,
a eternidade no desvario de um minuto...

Mas, teriamos de reproduzir o livro, para apontar o que elle tem de bello. O que de melhor terá de fazer o publico, é adquirir o volume para conhecer o poeta.

As illustrações de Israel são primorosas.

NOTAS DE ARTE

MESSODI BARUEL — Com a *Sonata* op. 105 de Schumann (para violino e piano), o *Concerto em mi maior*, de Bach (para violino e orchestra de cordas); *Romança*, de Lorenzo Fernandez; *Te mirando* (habanera), de Fr. Chiaffitelli; *Capricho*, de Saint-Saens e Eug. Ysaye; *Andante* da *Symphonia Espanhola*, de Lalo; *Malagueña*, de Albeniz-Kreisler; *Zapateado*, de Sarasate — realizou a srta. Messodi Baruel no T. M. na tarde de 17 de setembro, bello recital de violino, em que, além da recitalista, tomaram parte o pianista Arnaldo Estrella, e uma orchestra de cordas sob a regencia do Prof. Fr. Chiaffitelli, tendo como *spalla* a violinista srta. Carmen Boisson Santos e constituida de 18 violinos, 2 violas, 2 violoncellos e 1 contrabaixo, dos quaes a maioria, 14, eram moças e muitas primeiros premios do I. N. M.

Não só pelos intensos e frequentes applausos recebidos, é que se deve proclamar o exito da festa musical mas tambem pelo valor real da recitalista. A srta. Messodi Baruel além de possuir a technica do seu instrumento, possue alguma coisa mais que se não aprende o bello temperamento artistico; sabe encantar e commover. Reve-

O ultimo recurso...

logo na maior parte das execuções, sobretudo no *Adagio* da *Sonata* de Bach, na *Romança* de L. Fernandez, no *Capricho*, de S. Saens-Ysaye, no *Andante*, de Lalo. Notamo-lhe a bella qualidade do som, embora para destacal-a muito contribuisse o *Guarnerius* em que tocou. Gostamos de vêl-a, embalada na bella sonoridade arrancada do instrumento, communicar ao publico a propria emoção.

Para o successo da recitalista na *Sonata* de Bach, muito concorreu a orchestra do Prof. Chiaffitelli.

LULLY — Por iniciativa da Associação Brasileira de Musica realizou o Prof. Charley Lachmund no I. N. M., na tarde da lunedia, 2ª-feira, 19 de setembro uma conferencia commemorativa do 3.º centenario do nascimento do fundador da opera franceza, João Baptista Lulli (Lully em França), intitulada *Historia de uma ambição*.

Embora antecipada commemoração, pois o nascimento de Lulli se deu em 1633 e não em 1632, a conferencia nada perdeu com o anachronismo e proporcionou ao auditorio durante mais de duas horas a audição de interessante, pittoresca e instructiva noticia sobre a vida e a obra do pae de Gluck e avô de Wagner como bem lhe chamou o conferencista. Com os dados colhidos nas biographias do musico e na historia da musica, o Prof. Lachmund fez os ouvintes acompanharem a vida de Lulli desde o momento em que o duque de Guise o encontra por acaso vagando nas ruas de Florença a tocar flauta — uma flauta rustica fabricada pelo bello e intelligente garoto — até a morte por gangrena numa ferida occasional causada pela original batuta de então — um grande bastão de que se servia o regente de orchestra, movendo-o no sentido vertical sobre o estrado da regencia — passando por todos os gráos da escala social e da escala artistica, numa das quaes *subia descendo* porque para subir se degradava com a repulsiva subserviencia aos grandes, especialmente a Luis XIV, e, noutra *subia ascendendo*, porque reformava a musica de França tornando-se o verdadeiro fundador da opera franceza, e precursor das reformas musicaes de Gluck e Wagner.

Desenvolveu muito bem o conferencista a opposição das duas vidas: a do homem e a do musico. Mas como a obra social do musico — eivada embora dos defeitos inherentes a inferioridade moral do homem — é a que o colloca entre os eleitos da Humanidade, parece-nos que melhor seria dar á palestra um titulo que lembrasse mais o musico do que o homem, mais o artista creador que o aulico desprezivel, porque se Lully só tivesse realizado a sua ambição de riqueza, de fama, de poder, pelos meios por que a realizou, se não tivesse passado de um grande ambicioso em que o orgulho e a vaidade só contribuissem para intensificar outras modalidades do egoismo, sem nenhuma finalidade social, não deveria ser commemorado como eleito, mas anathematizado como reprobo.

Assignalando o concurso de Lully na obra de regeneração da musica dramatica lembrou o palestrita que graças a elle a orches-

(Continúa na pag. seguinte)

A DURAÇÃO DE UMA VIDA

Calcular o que se tem de viver, é impossivel, e melhor será assim...

Ha, porem, algumas regras geraes, sem que com isso se queira dizer que, em tal assumpto, se possa passar do geral para o particular.

Uma dessas regras, bastante antiga, por signal, mas sempre interessante, permitte determinar a duração da vida de uma pessoa, se está comprehendida entre as edades dos 12 annos em deante.

A regra é a seguinte: diminuase de 86 a edade que se tenha, dividase por dois o producto obtido e ter-se-á o numero de annos que restam a uma vida.

Se alguem tem, por exemplo, 50 annos, viverá até os 68; se 60, viverá até 73; se 65, até os 76, etc.

Como se vê com esta regra se sabe ganhando quando se tem uma edade avançada. As probabilidades da longevidade augmentam, de facto, com a edade, muito embora isto pareça um paradoxo; a razão é que a edade mesma comprova essa longevidade.

Esta antiga regra é de invenção de um frade que, em 1685, emigrou da França para a Inglaterra. Ensinou mathematicos em Londres, foi amigo de Newton e chegou a ser membro da Real Sociedade.

Baseia-se em estatisticos e — é claro — apenas serve para calculos de probabilidades.

UMA GUERRA POR CAUSA DE UMA JANELLA

Assegura-se que uma janella foi causa de uma guerra, nas seguintes circumstancias: emquantra começou a perder o papel secundario de simples acompanhador do canto; a palavra a deixar de ser apenas pretexto para a musica, mas se conjugaram ambas para o mesmo effeito artistico; e appareceu o germen de *leit-motive* wagneriano; e, pela primeira vez, os papeis femininos foram interpretados por mulheres e não por homens, como até então.

Illustrando a sua propria conferencia, o Prof. Lachmund executou tres peças caracteristicas de Lully: *Preludio* da op. "Phaeton-te"; uma *Aria do "Teseu"* e o *Minuetto do Bourgeois-Gentilhomme*".

Ouvido com muita attenção e merecidamente applaudido, é de desejar-se o Prof. Lachmund amiúde de conferencias com a que fez sobre Lully. Para gozo e instrucção dos ouvintes, mesmo daquelles que sabem, podia a As. B. M. promover um curso systematico de palestras semelhantes, sobre os typos representativos da evolução musical, todas illustradas — e isto parece-nos essencial — com a

NOTAS DE ARTE

(Continuação)

interpretação das composições caracteristicas de cada um delles. Será possivel?...

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MUSICA — Em a noite de venerdia, 6.ª-f., 23 de setembro, no salão Leopoldo Miguez do I. N. M. realizou a As. B. M. o 4.º da série de 6 concertos de musica de camera, em que se ouviram só obras de Beethoven, e foram: *Sonata*, op. 31, n. 2, e *Marcha Turca* (extra) pela pianista srta. Dulce de Saules; *Adelaide*, *L'absence*, *Delice des pleurs*, *Ah! perfido, spergiuro!*, *Réveil des fleurs* (extra), pela cantora sra. Fleury de Barros; *Grand Trio*, op. 38 (para piano, clarineta e voiloncello) pelo pianista Enio de Freitas Castro, *clarinetista Antão Soares e violon*cellista Nelson Cintra.

A srta. Dulce de Saules, que pela 1.ª vez ouvimos depois da sua volta da Europa, agradou-nos plenamente na interpretação da *Sonata*, mas sobretudo no tempo final no *Allegretto*. Certo, como composição, gostamos mais do *Largo-Allegro*, onde — "o espirito e a elegancia se impõem desde o primeiro momento, avassalando a alma, acorrentando o ouvinte" — mas como interpretação preferimos a do *Allegretto*. A pianista neste mais do que nos outros tempos transmittiu a emoção com mais intensidade. A fluida cer-

to se construiu o palacio do Trianon, Luiz XIV, acompanhado de Louvois, seu ministro da guerra, ali se demorou, um dia, a observar as obras. O rei notou que uma das janellas não estava na mesma esquadria das outras, sendo menor. Louvois insistiu em que não havia differença e que o rei estava errado. Luiz mandou buscar a janella e, tendo razão, tratou com accentuado menospreço o seu ministro, deante de toda a côrte.

Louvois, indignado, disse que procuraria melhor occupação para o monarcha que a de insultar a seus favoritos.

E como disse, assim o fez, pois, com a sua arrogancia e pessimo temperamento irritou as grandes potencias da Europa, occasionando a terrivel guerra dos 9 annos, que a França começou em 1688, contra a Hollanda, Inglaterra, Allemanha e Hespanha, terminando pelo tratado de Byswick em 1697.

Luiz XIV nada lucrou com esta guerra. Pelo contrario, pois não só teve de reconhecer Guilherme III como legitimo rei da Grã-Bretanha, como se compromettéu a não prestar auxilio ao desthronado rei Jayme II, consentindo ainda no estabelecimento do ducado de Lorena.

CARLITOS NA EUROPA

Primeira visita.

Segunda visita.

---

rente melodica, que no dizer de Reinecke se occulta através do perpetuum mobile desse tempo, soube exteriorizál-a com notavel relevo a srta. Dulce de Saules.

A sra. Fleury de Barros proporcionou-nos mais um bello momento de arte, da fina arte que a distingue e é motivo tambem para louvar a professora de tão distincta alumna — a sra. Mathilde Bailly.

Os predicados que enaltecem a cantora patricia, accentuaram-se bastante através das bellas e difficeis composições do mestre de Bonn. A par dos dotes puramente vocaes, continua a nos chamar a attenção a mimica expressiva, a mimica da face, que tanto relevo deu a *L'Absence*, a *Ah! perfido, spergiuro*, e ao tão curto quanto bello, *Ré veil des fleurs*, mostrando que a sra. Fleury de Barros não canta por cantar, mas canta por sentir; não é apenas emissora de notas mais ou menos afinadas, mas faz do canto instrumento dramatico; não diz só, mas vive o canto.

NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

Ouvindo-a com a costumada admiração no concerto do C. A. M. tivemos a revelação inesperada de que a sua voz tende a adquirir maior extensão e volume. O que pode ser um bem ou um mal para a cantora. Bem, se o desenvolvimento se fizer sem forçar a voz, sem que a quantidade sacrifique a qualidade; mal se o contrario se der. Através da grande aria — *Ah! perfido, spergiuro* — onde tanto se accentuaram os dotes dramaticos da cantora, receamos não se realize a melhor das hypotheses. Entretanto dirá com mais acerto do que nós, a douta mestra. E' possivel que os indicios da voz forçada, manifestados em certas passagens, sejam defeitos transitorios, e só indiquem o periodo de preparação para um estudo definitivo, em que extensão e volume, normalmente desenvolvidos ao maximo gráo, não sacrifiquem o timbre e mantenham sempre a voz limpida e sonora avelludada e quente em todos os registros, o que é o essencial, o essencialissimo...

O *Grand Trio* de Beethoven terminou brilhantemente o que brilhantemente havia começado. Destacamos mais especialmente a execução do segundo e do penultimo tempo: o *Adagio cantabile* e o *Scherzo-Allegro molto e vivace*.

Oscar D'Alva

AS SETE MARAVILHAS DO MUNDO ANTIGO

Estas sete maravilhas, descriptas pelo anno 250 da era christã, por Filon de Bysancio, ou Filon de Heraclea, segundo outros, eram as seguintes:

Os jardins de Semiramis, na Babylonia. Formavam um quadrado de 128 metros. Os jardins erguiam-se a 112 metros de altura e, até ahi, por meio de bombas de aspiração chegavam as aguas do Euphrates. (2100 annos antes de Jesus Christo).

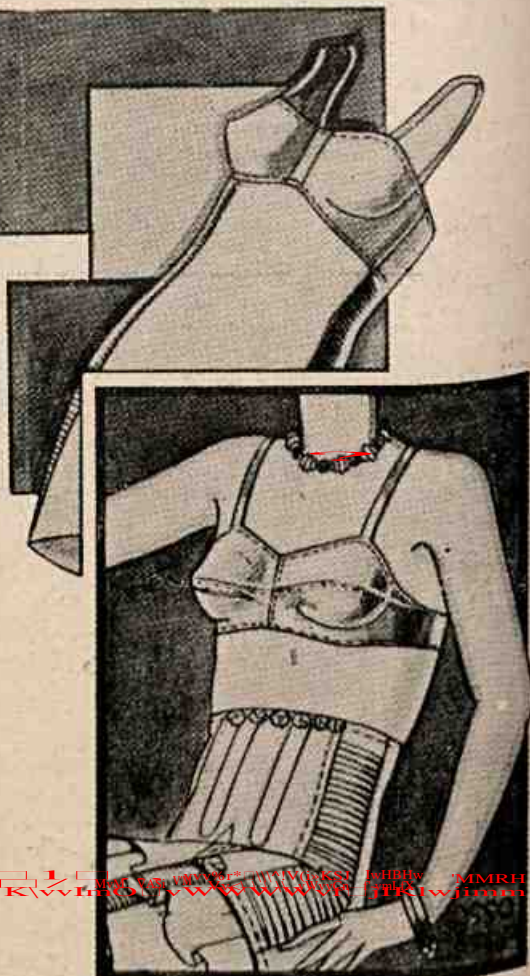
As pyramides do Egypto. Ergueram-se as mais antigas, segundo parece, 5534 annos antes de Jesus Christo. As de Sakkarah e Dahscour, segundo Chamalion, entre 5318 e 5121 antes de Jesus Christo: a de Cleops em 3400.

O collosso de Rhodes, que servia de phraol ao porto, tinha cerca de 40 metros de altura. Por baixo delle passavam as maiores náus com suas velas distendidas. Representava Apollo e era de bronze, com manto de ouro. Modelou-o e principiou-o Carete; terminou-o Lacuete. Custou uma fortuna fabulosa e foi posto abaixo por um terremoto 76 annos depois de erguido em 224 antes de Jesus Christo.

A maravilha da Babylonia, attribuida a Semiramis, Belos e outros, Foi levantada 26 a 27 séculos antes de Jesus Christo. Tinha mais de 100 metros de altura, 28 de largura e 90 kilometros de extensão, formando um quadrado perfeitissimo. Tinha de cado lado 25 portas de bronze, partindo de cada uma dellas uma rua que conduzia á porta situada em frente.

O mausoléo de Alicarnaso. Foi edificado por Arthemisa, rainha de Caria, em memória de seu marido Mausolo, 553 annos antes de Christo.

A estatua de Jupiter Olympico, obra de Phydias, no templo de seu nome. Media 20 metros de altura, 30 de grossura e foi trabalhado em estylo dorico. A estatua e o throno, de ouro e marfim, tinham 14 metros de altura. Segundo parece foi erigida 158 annos antes de Christo.

O templo de Diana, em Ephesos. Foi erguido em 1243 antes de Christo, por Amazzoni, segundo Pindaro. Reedificado por Chresiphonte e seu filho Métargenes em 544 e concluido no anno 380 por Demetrio e Teonio. Em 354 ou 356 foi incendiado por Herostrato que, para se immortalisar, se atirou no meio das chammas. Reconstruiu-o depois Kyronocrates. Praxistelles esculpiu o seu altar e Parrasi e Apelles adornaram-no com pinturas. Os godos saquearam-no no anno 263 depois Christo e Constantino fêl-o demolir. Tinha 60 metros por 128, contendo 127 columnas de 19 metros de altura, dados por outros tantos soberanos, e uma estatua de Diana toda de ouro.

PORQUE ELLA ERA ASSIM...

DE J. M. BRINCKMANN

Si, a principio, Celso Palhares chegava á janella do seu escriptorio para espairecer um pouco, olhando despreoccupadamente o vae-vem da rua ou distrahindo-se com a fumaça do seu cigarro, agora, um outro motivo o prendia ali por mais tempo e com mais frequencia. Aquella costureirinha do predio fronteiro lhe despertára a attenção, numa manhã em que o barulho surdo de um choque de vehiculos viu perturbar a calma dos que trabalhavam socegadamente. Ella corrêra á janella, curiosa de vêr o que acontecêra, no mesmo instante em que Celso tambem chegava á sua. Ficaram alguns minutos sem ua dar pela presença do outro, entretidos com a occorrencia. Mas, num movimento involuntario de ambos, seus olhares se cruzaram occasionalmente e pararam. Foi assim que se conheceram...

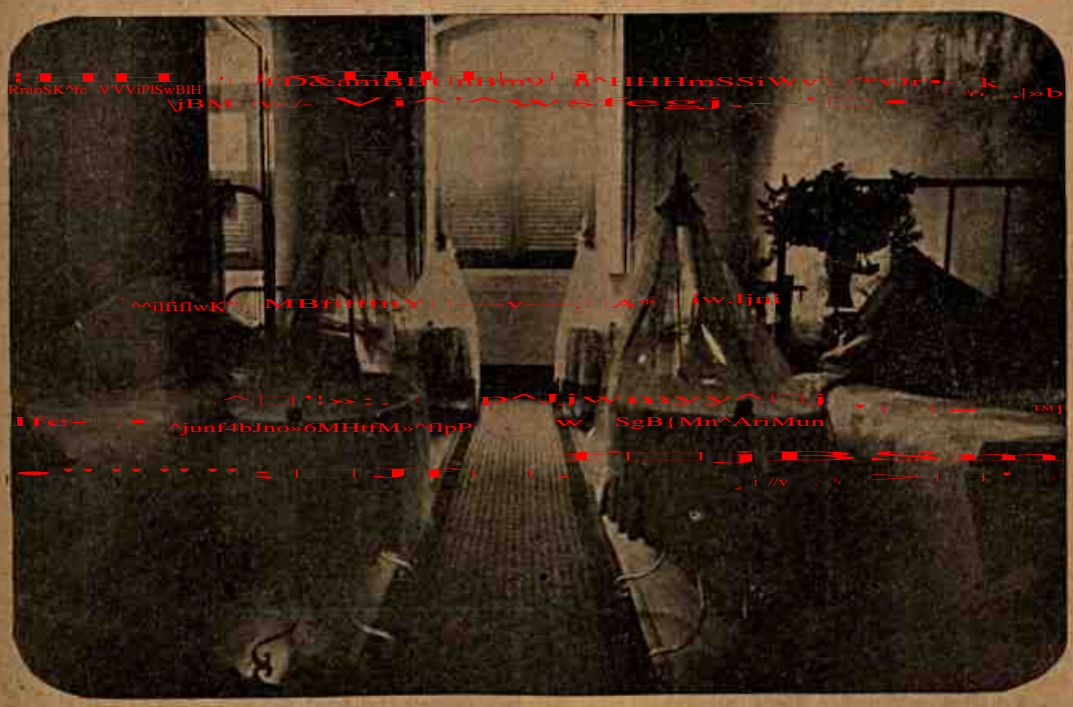
Desse dia em diante, o Palhares, si bem que nada pretendesse daquella moça, tinha um contentamento immenso em olhal-a demoradamente. Achou verdadeiramente encantadora a expressão ingenua e maldosa dos seus olhos, e gostou de sua bôcca pequena, de seus cabellos louros a lhe cahirem em novellos pela testa e pelos hombros.

Era a sua grande satisfação ! Para elle o encontro de uma mulher original, que tivesse qualquer coisa qu o sensibilizasse, que puzesse os seus sentidos em alvoroço, era o motivo duma alegria prol ngada. Achava um gosto esplendido em contemplar e ouvir uma mulher bonita sem possuil-a, ás vezes. E era só.

Tinha horror ao casamento. Não comprehendia uma affeição duradoura que não acabasse em monotonia e martyrio. Olhava as allianças nos dedos dos casaes como si olhasse a imagem do fingimento. Comprazia-se em lêr nos jornaes as noticias dos abnegados que, seguindo os preconceitos duma sociedade falsa, se supportavam vinte e cinco annos e até mais...

Era esse o feitio das suas idéas. Não queria saber de esposas para nada. Tinha observado bem esses factos, penetrado em innumeros lares, acompanhado muitos pares annos seguidos e chegára a essa conclusão, que para elle era a definitiva.

Não tinha esses pensamentos por excentricidade. Não. Antes de acceitál-os, tratava de amadurecêl-os bem. Já não era criança. Os seus vinte e oito annos lhe deram bastante ex-

(Continúa na pag. seguinte)

PORQUE ELLA ERA ASSIM...

(Continuação)

periencias. Tivéra seus amôres tambem. Apesar de rico, como era, passára seus amargores, pois seu pae o educára quasi passando necessidades. Mandára-o para a França e eram parcas as mensalidades que lhe enviava, dizendo-lhe sempre que os negocios peoravam.

Assim se passaram quasi oito annos, e elle sempre trabalhando para o seu sustento. Quando voltou é que viu a situação optima em que vivia seu pae. A principio, teve raiva, mas depois foi sentindo o beneficio que o passado lhe trouxéra. Fizéra-se homem cêdo. Sentira a realidade da vida antes da barba lhe cobrir o rosto. E, por isso, não se deixava levar por illusões.

Não pensem que aquella costureirinha lhe ia modificar a maneira de pensar! Não. Como aquella, muitas já lhe tinham passado deante dos olhos. E não pensem tambem que o Celso era santinho. Tinha tambem as suas amantes. Na sua mesa só corria *champagne*. Fumava bons charutos. Passava, emfim, as noites na maior alegria. Não tinha horror á vida, em absoluto. Tratava até de conservál-a para que fosse bem longa. Sabia era aproveitál-a...

* * *

O que Celso Palhares achára de interessante naquella menina fôra nunca lhe ter ella dado um sorriso. Encontravam-se, ás vezes, na sahida, ella, cabeça baixa, olhos fitos na calçada, passava-lhe rente, como si passasse junto a um desconhecido. Afinal, elle não era tão desconhecido assim! Ao menos um cumprimento, que não custava nada...

Mas qual! A criaturinha loura mantinha sempre a mesma attitude!

Um mez, dois mezes, três mezes, e, um dia, um fortissimo temporal desabou sobre a cidade. Tempo de verão, sol de manhã, muito calor e muita chuva á tarde. As ruas se encheram. O largo de São Francisco parecia uma lagôa. Os bondes não transitavam. Muitos automoveis passavam com agua pelo eixo. Como Celso tinha muito o que fazer no escriptorio, aproveitou aquella tarde para trabalhar mais algumas horas.

Já era noite quando resolveu acabar com o serviço. Lembrou-se da costureirinha loura que devia ter ficado presa no "atelier". Espiou pela vidraça, mas as portas do andar em que ella trabalhava estavam fechadas. Olhou para a porta de baixo, por onde ella sahia, e viu-a preoccupada, sem galochas, sem capote e chapéo-de-chuva.

Celso Palhares metteu o chapéo na cabeça e desceu rapido pela escada. Havia de falar com aquella menina. Só pelo prazer de vêl-a de perto, de admirál-a mais demoradamente, de ouvir a sua voz...

Entrou no seu automovel azul, fez uma manobra simples e parou na porta em que ella estava. Fez-lhe um cumprimento delicado e o convite ousado de levál-a até em casa. Ella acceedeu. Celso não se admirou. Abriu-lhe a porta e ella, olhando para cima a vêr se alguem a estava espiando, sentou-se quasi num salto ao lado delle. O carro arrancou e virou a esquina.

— Ha muito esperava essa opportunidade, senhorita. Tenho grande prazer em lhe ser util. Não conto com recompensas. Queria só conhecêl-a, vêl-a de perto...

Ella parecia distrahida com a agua que espirrava pelos lados do carro e com os fios longos de chuva que escorriam pelo para-brisa. Um chapéozinho marron-claro amoldado em sua cabeça, simples e bonito como o seu vestido deixava escapluir pelas abas curtas alguns feixes de cabellos louros, louros...

Celso a o'hava de lado, sem que ella o olhasse. Contemplou-lhe o corpo pequenino, o collo elevado, as mãos gordinhas, os pés delicados, as pernas lindas, seguindo a linha magnifica do seu corpo. Sentiu-lhe o cheiro suave e gostou da sua teimosia de querer ficar olhando a chuva. Perguntou-lhe o nome, a rua onde queria que a levasse e se não havia inconveniente de ir até sua casa.

— Quem melhor do que o senhor póde falar do meu comportamento?

Celso Palhares havia muito tempo não encontrava uma pequena tão interessante como essa costureirinha. O seu contentamento era enorme. Sentia grande alegria ao vêl-a deante dos seus olhos e movimentar a cabeça num cumprimento rapido. Não o olhava quasi. Com a costura entre os dêdos, ficava horas e horas esquecida, talvez, que do outro lado da rua uns olhos procuravam os seus.

A preoccupação maior de Celso era em saber por que Virginia era assim. As suas razões deveriam ser grandes. Ah, si elle pudesse falar-lhe calmamente, arrancar-lhe tudo o que aquella moça encerrava de mysterio!

Por varias vezes, mandára um empregado entregar-lhe, á hora do almoço, um cartão pedindo-lhe entrevista. E as respostas eram sempre as mesmas. Uma phrase negativa e o cartão de volta.

Não que elle tivesse por ella a banalidade de um amôr. Celso Palhares era differente. O que lhe interessava, agora, era saber porque ella era assim...

* * *

Uma manhã, em que Celso Palhares chegára ao escriptorio, o mesmo empregado que levava os cartões lhe veiu entregar, logo á entrada, um bilhete que Virginia lhe mandava. Estava marcada, afinal, a entrevista que tanto elle almejava!

Encontraram-se á hora certa, em frente ao Municipal, e entraram no primeiro cinema que chamava para a sessão.

Virginia parecia não querer fallar. Manteve a mesma linha. Celso não lhe tocou. Respeitava aquella menina, sem saber mesmo porque. Olhou-a muitas vezes, fez-lhe perguntas banaes. Ella respondia-lhe seccamente, com os olhos firmes nas scenas que se desenrolavam na tela.

Antes que a fita acabasse, sahiram. Virginia pediu um canto recatado, onde pudessem jantar tranquillamente.

Quando entraram no gabinete reservado, Celso não escondia a ansiedade de ouvil-a. Sentam-se um em frente do outro. Agora, Virginia parecia mais a vontade. Seus olhos já não fugiam dos olhos delle.

E Celso, para imprimir-lhe maior confiança, fal-a sorrir muitas vezes, contou-lhe a sua vida de estudante. Quando o jantar ia pelo meio, a orchestra tocou uma musica tristonha. Virginia quedou-se para ouvil-a. Seus olhos encheram-se de lagrimas...

— Fála Virginia! Nada me occultes... Eu sei...

Ella baixou a cabeça, para depois erguêl-a e olhál-o a fundo.

— Ah, Celso, você não sabe!... A vida é cruel demais para as mulheres. Ama-se, dá-se a alma, o corpo para mais tarde ter-se a recompensa do engano. Ver-se esse homem fugir covardemente, levando-nos a honra, o que se tem de mais puro. E' triste a vida... Chega-se ao desanimo, ao se ter a certeza de que dentro de nós ha um outro sêr que é um pouco do nosso sangue e daquelle que fugiu... Covarde!... Amei-o verdadeiramente, entreguei-me a elle entregando o meu devotamento, deixei-me arrastar como tantas outras, e, hoje, sozinha com a minha velha mãe doente, preciso de um amparo, preciso de você... Custei a falar-lhe, mas si falo, agora, é na certeza de que você não me dirá: não!

Ella parou. Chorava. Celso tambem estava emocionado. Elle alisava-lhe os dedos finos, emquanto o violino gemia a mesma musica tristonha.

— Eu sou desgraçada, mas não quero fazer a desgraça de meu filho. Celso, tenha penna de mim. Ampare-me, faça-me sua amante, mas não me deixe soffrer mais... E' só o que eu quero de você, Celso, de você...

* * *

Celso levou-a para sua casa.

O velho Palhares comprehendeu-lhe o gesto altivo. Começou a tratal-a como filha.

Celso continuou com as suas idéas. Não fez de Virginia sua esposa, nem sua amante; todavia conservava-a comsigo como o maior bem que encontrou na vida...

O COLLEGIO DO DR. HUXTABLE

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

Temos assistido as entradas e sahidas bem dramaticas na nossa pequena casa de Baker Street, mas não me recordo de nenhuma apparição mais repentina e surprehendente, que á do dr. Thorneycroft Huxtable, mestre em artes, doutor em philosophia, etc.

O seu cartão de visita, demasiado pequeno para conter todos os seus titulos academicos tinha-o precedido alguns segundos; depois entrou elle, em attitude tão magestosa, tão pomposa e tão digna, que parecia a personificação do sangue frio e do aprumo.

E comtudo, mal a porta se fechou, o seu primeiro movimento foi vacillar de encontro á mesa; e logo o seu corpo alto se vergou para o chão, cahindo desmaido sobre o tapete de pelle de urso.

Levantamo-nos rapidamente; durante alguns instantes, contemplamos este naufrago que um terrivel temporal tinha assaltado no meio do oceano da vida.

Holmes colloca-lhe uma almofada debaixo da cabeça, emquanto eu lhe levo aos labios um copo de cognac. Os desgosto tinham-lhe enrugado o rosto pallido, as palpebras estavam rodeadas de um circulo arroxeado, a bocca estava dolorosamente contrahida, a face roliça tinha a barba por fazer.

A camisa e o collarinho denunciavam uma longa viagem. O cabello em desalinho eriçava-se-lhe na cabeça. Sem duvida nenhuma, este homem estava minado por uma terrivel angustia.

— Que é isto, Watson? — prguntou Holms.

— Uma fraqueza bem caracterisada, devida especialmente á fome e á fadiga — respondi eu, tomando o pulso ao doente, e vereficando que a circulação da vida era em extremo debil.

Cá está um bilhete de volta para Mackleton, no norte de Inglaterra — disse Holmes, tirando-o da carteira do visitante. Ainda não é meio dia, partiu cedissimo.

As palpebras do doente começaram a mexer-se, e os olhos pardos ainda vagos, fitaram-nos. Um instante depois levantou-se, corando de vergonha.

— Perdôe-me esta fraqueza, sr. Holmes, estou de todo transtornado. Se poder dar-me uma bolacha e um copo de leite, creio que me restabeleceria. Vim eu proprio, sr. Holmes para ter a certeza de o levar commigo. Receiamos que um telegramma não fosse sufficiente para o convencer da urgencia do nosso negocio.

— Quando estiver de todo restabelecido...

— Agora estou bem; não posso comprehender a causa desta fraqueza. Agradecer-lhe-ia, sr. Holmes, se fizesse o favor de vir commigo para Mackleton no primeiro comboio.

O meu amigo abandonou a cabeça.

— O meu collega, dr. Watson, poderá dizer-lhe que nesta occasião temos muito que fazer. Estou preso pelo negocio dos documentos de Felner, e ainda pelo assassinato de Abegaverny que brevemente vae ser julgado. Só por caso muito grave sahiria neste momento de Londres.

— Um caso muito grave!

O nosso visitante ergueu os braços para o céo.

— O senhor não ouviu falar do rapto do filho unico do duque Holdernesse?

— Como! O antigo presidente de conselho?

— Exactamente: temos feito deligencia de occultar o acontecimento aos jornaes e apezar disso, o *Globe* de hontem á noite, disse alguma coisa sobre o assumpto, e eu julgava que a noticia tivesse chegado já aos seus ouvidos.

Holmes estendeu o braço e tirou da bibliotheca o volume H da sua encyclopedia:

— Holdernesse, 6º duque, K. G., P. C.... e todo o alphabeto está empregado em enumerar os titulos. Baron Beverley... conde de Carlson... Santo Deus, o que aqui vem! ... Lord tenente de Hallamshire desde 1900. Desposou Edith, filha de sir Charles Appledore em 1888. Herdeiro presumptivo, e filho unico: lord Saltire.

Propriedades de mais de duzentos e cincoenta mil acres. Possue minas em Lancashire, e no paiz de Galles.

Endereços: Carlston House Terrace — Holdernesse Hall, Hallamshire, — Castello de Carlston Castle, Bangor, paiz de Galles, — Lord do Almirantado 1872. Secretario do Estado de... Sim, senhor! póde gabar-se de ser um dos mais importantes subditos de Sua Magestade!"

— O maior e talvez o mais rico.

"Sei que o sr. Holmes tem a mais alta estima pela sua profissão, e que trabalha por amor á arte. No emtanto, dir-lhe-ei que sua graça Lord Holdernesse prometteu um cheque de cinco mil libras á pessoa que lhe descobrir onde pára seu filho, e o outro de mil libras á quem lhe indicar aquelle ou aquelles que lh'o roubaram.

— E' uma offerta principesca! — disse Holmes. Parece-me, Watson, que nos decidimos a acompanhar o dr. Huxtable ao norte da Inglaterra. E, agora, doutor quando acabar de tomar o leite ha de ter a bondade de me informar, quando, e como tudo se passou, como se acha envolvido neste acontecimento, e afinal porque esperou tres dias, conforme me indica o estado da sua barba, para me vir procurar e pedir o meu auxilio.

O nosso visitante acabou de beber o leite e comer as bolachas. Os olhos tinha retomado brilho, as faces tinha voltado a cor, e com a maior clareza expoz a situação.

— Em primeiro logar, tenho a dizer-lhe que o collegio de Priory é uma escola de preparatorios que eu fundei e que dirijo. O meu livro "Commentarios sobre Horacio" talvez lhe recorde o meu nome.

"O collegio de Priory é, sem discussão, a melhor e a mais escolhida das escolas de preparatorios que de toda a Inglaterra.

"Lord Levertoke, o conde de Blackewater, sir Cathcart Soames, todos me confiaram os seus filhos. Mas senti que o meu estabelecimento tinha chegado

do ao apogeu, quando ha tres semanas o duque de Holdernesse mandou o seu secretario James Wilder communicar-me que o joven Lord Saltire, de dez annos, e seu herdeiro presumptivo, ia ser confiado aos meus cuidados. Estava bem longe de pensar, que esta gloria seria o preludio da maior desgraça da minha vida.

"O pequeno lord chegou no dia 1º de Maio para começar o trimestre de verão. Era uma creança encantadora, que em breve se conformou com o regimen da casa.

"Dir-lhe-ei ainda, sem querer ser indiscreto, mas unicamente porque as meias confidencias são fóra de proposito neste caso, que elle não era muito feliz em casa.

"Todos sabem que desde o seu casamento a existencia do duque tem sido bastante agitada, o que deu em resultado uma separação amigavel, entre elle e a duqueza, que foi viver para o sul da França.

"Este acontecimento deu-se ha pouco tempo, e as sympathias do pequeno eram de preferencia pela mãe. Depois da partida della ficou em tamanha magua, que para lh'a disfarçar o pae resolveu mandar-mo. Quinze dias depois, o nosso alumno estava de todo habituado, parecendo completamente feliz.

"A ultima vez que o viram foi na noite de 13 de Maio, isto é, na segunda-feira passada. O seu quarto era no segundo andar, e dependente de outro quarto maior, onde dormem dois alumnos. Estes nada viram nem ouviram.

"E' pois, certissimo que o joven lord Saltire não passou pelo quarto delles. Tinha a janella aberta; um enorme tronco de hera sobe até essa janella. Não conseguimos em baixo achar signaes de passos, mas o que é certissimo é que não poude fugir sinão por aquelle logar.

"Deu-se pela sua ausencia terça-feira ás sete horas da manhã. A cama estava desmanchada. Antes de partir vestiu-se todo com o uniforme escolar; casaco preto e calça cinzenta escura. Nada indicava que alguem se tivesse introduzido no quarto, não havendo duvida que qualquer bulha ou alarido de lucta seria com certeza ouvido, por isso que Caunter, o mais velho dos alumnos que ficava no quarto contiguo, tem um somno levissimo.

"Quando se deu pelo desapparecimento de Lord Saltire, fiz immediatamente a chamada de todos os discipulos professores e creados do estabelecimento. Só então nos certificamos de que a creança não fugira sosinha. Heidegger, professor de allemão, havia egualmente desapparecido. O quarto d'este era situado ao fundo do edificio, no segundo andar, do mesmo lado que o de Lord Saltire. A cama estava tambem desmanchada, mas esse devia ter sahido meio vestido porque a camisa e as meias ficaram cahidas no chão. Sem duvida tambem descera escorregando pelo muro abaixo, porque vimos pegados no canteiro. A sua bicycleta, que estava guardada debaixo de um telheiro perto d'esse canteiro, tambem desapparecera.

"Heidegger estava ha dois annos no collegio, e apresentára-se com as melhores informações. Era um homem calado, macambuzio pouco estimado dos discipulos e dos collegas. Não foi possivel achar-se o minimo indicio dos fugitivos, e hoje, quinta-feira não estamos mais adiantados do que terça-feira passada. Naturalmente fizeram-se logo pesquizas em Holdernesse Hall, que fica a poucas milhas, porque nos lembramos que elle podia ter voltado para casa de seu pae, em consequencia de uma crise de saudades, mas nada se soube por esse lado.

"O duque está muito inquieto, e quanto a mim, os senhores podem calcular o estado de prostração nervosa em que me tem posto a espectativa e a consciencia da minha responsabilidade. Senhor Holmes, se já alguma vez se enthusiasmou por qualquer enigma, peço-lhe que adivinhe este, porque com certeza nunca encontrou nenhum tanto á altura da sua reputação".

Sherlock Holmes tinha escutado com a mais minuciosa attenção a narrativa do infeliz professor. As sobrancelhas franzidas, separadas por uma profunda ruga, deixavam ver bem que o enigma, afóra os lucros envolvidos na sua solução, desafiava no mais alto grão o interesse que tinha em geral pelos mysterios mais complicados. Pegou no seu livro de lembranças, e tomou algumas notas.

— Fez muito mal em não me vir procurar mais cedo — disse elle severamente. — Faz-me começar as minhas investigações em condições bem difficeis. De certo que o exame do muro e do canteiro daria resultados para um observador escrupuloso.

— A culpa não é minha, senhor Holmes. Sua Excellecia queria evitar o escandalo, e não queria que apparecessem aos olhos do mundo os seus desgostos domesticos, porque tem horror a que se fale no seu nome.

Comtudo, deve ter havido um inquerito official?

— Sim, senhor, por signal que produziu uma grande decepção. Imagine, tinha-se achado uma pista; um rapaz acompanhando por uma creança partira da estação proxima num combolo da manhã; só na noite passada viemos a saber que o caso nada tinha comnosco, mas isto depois de termos seguido o par até Liverpool. Então, de todo desesperado, e depois de passar uma noite em claro, metti-me no combolo da manhã para vir procural-o.

— Então, emquanto seguiam a pista errada, deixaram-se de pesquizas pelo sitio?

— Completamente!

— Ahi temos trez dias perdidos. O negocio foi deploravelmente conduzido.

— De acordo.

— Apezar de tudo, o enigma ha-de resolver-se, e eu estimarei muito conseguil-o. Poderam achar quaesquer indicios de connivencia entre o pequeno e o professor allemão?

— Nenhum.

— O pequeno pertencia á aula delle?

— Não, e ao que me consta, nunca trocaram uma palavra.

— E' singular. E o rapazinho tinha bicycleta?

— Não, senhor.

— Sabe se falta qualquer outra bicycleta?

— Não falta.

— Com certeza?

— Com toda a certeza.

— Vejamos, é impossivel admittir que o professor possa ter fugido de noite em bicycleta, levando o pequeno ao collo.

— E' claro.

— Então o que é que pensa?

— Que fizeram desapparecer a bicycleta para des-

(*Continúa na pag. seguinte*)

nortear as pesquizas. Talvez os dois a escondessem em qualquer parte e partissem a pé.

— Evidentemente, mas o estratagema parece-me um pouco absurdo. Havia outras bicicletas no barracão?

— Algumas.

— Se quizessem fazer suppôr que tinham ido em bicycleta, não podiam esconder duas em vez de uma?

— E' provavel.

— Naturalmente, e então esta hypothese não é acceitavel. Mas ha ahi um ponto de partida, para um génio inquerito. Demais, uma bicycleta não é facil de esconder nem de destruir. Ainda outra pergunta: esse rapaz tinha tido alguma visita na vespera do seu desapparecimento?

— Não.

— Recebeu alguma cartas?

— Recebeu.

— De quem?

— Do pae.

— O senhor tem por habito abrir as cartas dos seus alumnos?

— Não, senhor.

— Então como sabe a carta era do pae?

— Porque o envelappe trazia os brazões e a letra era do duque, que tambem affirma ter escripto ao filho.

— Teria elle recebido antes quaesquer outras cartas?

— Já ha dias que não recebia nenhuma.

— Teria elle recebido alguma carta de França?

— Não, nunca.

— Comprehende, já se vê, a intenção das minhas perguntas: ou elle foi raptado violentamente, ou fugiu por sua livre vontade. No ultimo caso, tinha de certo, lá fóra alguem que o animasse. Se não teve visitas, só poderia receber esse estimulo por meio de uma carta. Quero pois vêr se posso saber quem se correspondeu com elle.

— Receio bem não poder auxilial-o; com minha autorisação ou que eu soubesse, não correspondeu senão com seu pae.

— Este ultimo, segundo o senhor diz, escreveu-lhe no proprio dia da sua fuga. As relações entre pae e filho eram boas?

— O duque não manifesta grande affeição por ninguem: vive absorvido pela politica, e parece inaccessivel a qualquer sentimentalismo. Entretanto com o filho mostrava-se affectuoso a seu modo.

— As sympathias da creança tendiam mais para sua mãe?

— Sim, senhor.

— Disse-lh'o elle?

— Não.

— O duque?

— Oh! esse por fórma alguma!

— Então como sabe?

— O sr. James Wilder, secretario do duque, que eu conheço um pouco, fez-me algumas confidencias sobre o estado de espirito de Lord Saltire.

— Comprehendo. A proposito, acharam esta ultima carta do duque no quarto do pequeno depois delle fugir?

— Não, levou-a comsigo. Mas parece-me, sr. Holmes, que é tempo de nos pôrmos a caminho para a gare de Euston.

— Vou mandar vir uma carruagem. D'aqui a um quarto de hora estaremos ás suas ordens. Se o senhor mandar algum telegramma para casa, deixe suppôr que as investigações seguem sempre para o lado de Liverpool, por onde andam esses patetas. Entretanto trabalharei tranquillamente pelos seus sitios, e talvez que o rasto não esteja tão apagado que dois perdigueiros como Watson e eu não possamos conseguir farejal-o.

* * *

Nessa mesma noite respirávamos o ar fresco do paiz montanhoso onde estava situado o collegio do dr. Huxtable. Chegamos já de noite. Em cima da mesa da sala estava um bilhete de visita, e o mordomo disse algumas palavras em voz baixa a seu amo que se voltou para nós muito agitado.

— O duque está cá — disse elle — o duque e o sr. Wilder, estão no meu escriptorio; venham meus senhores, quero apresental-os.

Eu já algumas vezes tinha visto photographias do afamado estadista, mas a sua semelhança estava longe de ser perfeita. Era alto, imponente, e vestia com o maior esmero; tinha o rosto magro e comprido, nariz enorme e muito recurvado, e uma pallidez de cêra, que contrastava com a barba muito ruiva cahida sobre o colette branco, e por entre a qual brilhava a corrente do relogio. Tal era a personagem que nos analysou dos pés á cabeça com a maior frieza, conservando-se de pé e de costas para o fogão da sala.

A seu lado achava-se um rapaz que era evidentemente o secretario particular Wilder; este era baixo, nervoso, de olhos azues muito intelligentes, e de uma grande mobilidade physionomica. Foi elle que num tom seguro e incisivo rompeu o fogo da conversação.

— Vim cá esta manhã, doutor, mas não cheguei a tempo de evitar que partisse para Londres. Soubemos que fazia tenção de encarregar da direcção deste caso ao sr. Sherlock Holmes; S. ex. ficou muito admirado de ver que o doutor tomara tal deliberação sem o ter consultado.

— Quando soube que a policia se tinha enganado...

— S. Ex. não está nada convencido de que a policia se tenha enganado.

— Mas certamente, sr. Wilder...

— O doutor sabe muito bem que s. ex. deseja sobretudo evitar o escandalo, e por conseguinte não quer que entrem na confidencia senão o menor numero de pessoas possivel.

— Tudo se pode resolver sem maior difficuldade — disse o atrapalhado doutor — O sr. Sherlock Holmes pode voltar para Londres no comboio d'amanhã de manhã.

— Não, doutor, isso não! — disse Holmes com a sua voz mais suave — Este clima do norte é tão sadio e tão agradavel que estou disposto a passar alguns dias nas suas montanhas, e a entreter-me aqui o melhor que puder. O doutor decidirá se poderei hospedar-me em sua casa, ou em qualquer hospedaria da terra.

Bem percebi que o pobre doutor estava perplexo, quando se fez ouvir a voz profunda do duque de barba ruiva com a sonoridade de um tamtam.

— Concordo com o sr. Wilder; o dr. Huxtable, devia ter-me consultado, mas visto que o sr. Holmes já entrou no segredo, seria um absurdo não utilisar os seus serviços. Em vez de ir para uma hospedaria, sr. Holmes, estimarei muito tel-o por meu hospede em minha casa de Holdernesse Hall.

— Agradeço muito a v. ex., mas para mais facilitar as minhas pesquizas, parece-me melhor conservar-me pelos sitios, onde se deu a mysteriosa fuga.

— Como queira, sr. Holmes, o sr. Wilder e eu lhe daremos todas as informações que precisar.

— Provavelmente será necessario que eu vá procural-o em sua casa, disse Holmes; permitta-me desde já que lhe pergunte se tem alguma idea reservada a respeito do desapparecimento do seu filho?

— Não, senhor, não tenho nenhuma.

— Desculpe-me, peço-lhe, se vou tocar num assumpto que pode magoal-o, mas é-me indispensavel fazel-o. Julga que a senhora duqueza esteja de qualquer modo envolvida neste caso?

O grande ministro hesitou manifestamente.

— Não me parece — disse elle afinal.

— Uma outra hypothese é que a creança fosse roubada para lhe ser restituida por meio de resgate. Recebeu já alguma proposta deste genero?

— Não, senhor.

— Uma ultima pergunta. Disseram-me que v. ex. escreveu a seu filho no dia do acontecimento.

— Não, foi na vespera.

— Justamente, mas elle recebeu a sua carta no mesmo dia?

— Sim.

— Haveria na sua carta qualquer phrase que o levasse áquella resolução?

— De certo que não.

— Foi v. ex. em pessoa quem levou essa carta para o correio?

A resposta do nobre fidalgo foi interrompida pelo secretario que exclamou com certa altivez:

— S. ex. não costuma ir levar as suas cartas ao correio. Aquella foi posta juntamente com outras sobre a mesa do escriptorio, e fui eu que as metti no sacco da correspondencia.

— Está certo de que essa carta foi junta com as outras?

— Sim, reparei muito bem nisso.

— Quantas cartas escreveu v. ex. nesse dia.

— Vinte ou trinta. Tenho uma correspondencia muito consideravel, mas isso parece-me que nada tem com o caso.

— Não é tanto assim — disse Holmes.

— Pela minha parte — continuou o duque — aconselhei a policia a dirigir a sua attenção para o sul da França. Como já lhe disse, julgo impossivel que a duqueza influisse num acto tão monstruoso, mas meu filho tinha neste sentido as ideas mais extravagantes, e é muito natural que com o auxilio do professor de allemão, elle fosse encontrar-se com a mãe. E agora, doutor, creio que temos de voltar para o palacio.

Conheci que Holmes desejaria fazer outras perguntas, mas as maneiras bruscas do duque deram-me a entender que considerava a visita terminada. Via-se bem que esta conversa com um extranho sobre a sua vida intima, era particularmente desagradavel ao seu natural aristocratico.

Quando o fidalgo e o seu secretario sahiram, o meu amigo começou logo as suas pesquizas com a sua habitual actividade. Examinou com a maior attenção o quarto da creança, e obteve assim a certeza de que elle fugira pela janella.

O quarto do professor de allemão, e os seus fatos não forneceram nenhum indicio. Um ramo de hera quebrara-se com o seu peso, e á luz duma lanterna descobrimos no canteiro vestigios dos saltos dos seus sapatos sobre a relva: era o unico indicio da inexplicavel fuga nocturna.

Sehrlock Holmes saiu de casa sozinho voltando depois das onze horas. Adquirira um mappa do estado maior, dos arredores; trouxe-o para o meu quarto, estendeu-o em cima da minha cama, collocou o candieiro no centro, e pôz-se a fumar, indicando-me com a boquilha de ambar os cachimbo os pontos interessantes.

— Este caso empolga-me, Watson, disse elle. Ha decididamente pontos que são verdadeiramente interessantes. E' indispensavel que você repare bem na topographia dos logares, isso ha-de servir-nos muito nas nossas investigações.

(*Continúa na pag. seguinte*)

"Veja este mappa, este quadrado escuro é o collegio de Priory. Vou cravar aqui este alfinete. Esta linha representa a estrada real, que como vê se dirige de leste a oeste, não ha nenhuma travessa nem á direita nem á esquerda na extensão de muitas milhas. Os fugitivos não podem ter tomado outro caminho a não ser este.

— Evidentemente.

— Ainda temos a felicidade de poder verificar quaes as pessoas que passaram por esta estrada na referida noite. No sitio em que estou pondo o cachimbo, ficou o policia de serviço desde a meia noite até ás seis horas da manhã. Como vê, estava precisamente onde é a bifurcação da estrada com a estrada transversal do lado leste; affiançou-me elle que não deixou o seu posto um unico instante, e que está certissimo que ninguem poderia ter passado, sem dar por isso. Falei-lhe esta noite, e parece-me de toda a confiança.

"Sabido isto, vejamos do outro lado; aqui está a hospedaria do Touro Vermelho, cuja dona estava doente e mandara chamar um medico a Mackleton; este estava ausente quando o foram chamar, e não appareceu senão no dia seguinte pela manhã.

"A gente da hospedaria ficou por conseguinte toda a noite alerta, esperando a toda a hora que elle chegasse, e a estrada esteve constantemente vigiada. Todos são unanimes em affirmar que não passou ninguem.

"Se estas testemunhas são sinceras, estamos egualmente informados pelo que respeita ao lado oeste, e portanto podemos ter a certeza de que os fugitivos se não serviram da estrada.

— Mas a bicycleta? — notei eu.

— Lá iremos. Continuemos os nossos raciocinios. Se elles não seguiram a estrada, atravessaram então pelo lado norte, ou pelo lado sul do collegio. Examinemos as duas hypotheses: ao sul, como vê estendem se terras cultivadas, talhões pequenos, separados uns dos outros por muros de pedra.

"Deste lado o uso da bycicleta é impossivel. Devemos pois abandonar este rumo, e voltar para o norte.

"Aqui ha um grupo de arvores marcado no mappa com o nome de Ragged Shaw, e mais adiante os descampados de Lower Gill, que se estendem por dez milhas approximadamente, com pequeno declive.

"Na direcção deste espaço deserto está Holdernesse Hall, que pela estrada fica a dez milhas de distancia, mas talhando pelo descampado fica só a seis milhas.

"E' uma planicie isolada; apenas por ali ha uma ou outra fazenda para creação de animaes.

"Até á estrada de Chertetrfield quasi que os unicos habitantes que por ali ha, são tarambolas e maçaricos.

"Vejo aqui tambem uma igreja rodeada de algumas casas, entre as quaes uma estalagem.

"Pra além as collinas começam a ser escarpadas. E' definitivamente para o lado do norte que devemos dirigir as nossas operações.

— Mas a bycicleta? perguntei ainda.

— Ora! Ora! disse Holmes com impaciencia. Um bom cyclista não precisa de estrada. A charneca está sulcada de atalhos; além de que havia luar. Olá! quem será?

Bateram á porta; um momento depois entrava no quarto o doutor Huxtable, trazendo na mão um bonnet azul de cricket com galões brancos.

— Temos afinal um indicio — exclamou elle — graças a Deus! Eis-nos na pista do pobre rapaz. Aqui está o seu bonnet.

— Onde o acharam?

— Numa das carroças dos ciganos que acampavam na charneca. Elles partiram na terça-feira passada. Hoje a policia encontrou-os, e andou a pesquizar-lhes os carros, encontrando lá este bonnet.

— Que explicação deram elles?

— Primeiro contradisseram-se, depois declararam que o tinham achado no meio da charneca, terça-feira de manhã. Os bandidos sabem onde está a creança! O Louvado Deus, a esta hora já estão todos presos. O medo da justiça por um lado, e o dinheiro do duque por outro conseguirão arrancar-lhes tudo quanto sabem.

— Até agora, isto vae bem — disse Holmes depois do doutor ter sahido do quarto — E' mais uma prova que é do lado da charneca de Lower Gill que devemos esperar algum resultado. Em summa, a policia não fez nada a não ser a captura destes ciganos. Olhe, Watson! Ha um regato que atravessa a charneca; está marcado aqui no mappa. Em certos sitios, é um verdadeiro pantano, sobretudo na região existente entre Holdernesse Hall e o collegio. Em qualquer outra parte, não se distinguem pégadas neste tempo secco, mas lá temos toda a probabilidade de os encontrar. Amanhã de manhã levantar-nos-hemos muito cedo, e você e eu iremos ver se podemos aclarar este mysterio.

* * *

No dia seguinte, ao amanhecer, quando acordei vi ao pé da minha cama a delgada silhueta de Holmes. Estava vestido de ponto em branco, e com ar de quem já tinha sahido.

— Visitei todo o relvado e o barracão de bycicletas, disse elle; fui até o grupo de arvores. Agora, meu caro, no quarto ali ao lado espera-o uma chavena de cacáo, mas avie-se, porque temos hoje muito que fazer.

(Continua no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 48$000
Semestre (26 ») ..... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 70$000
Semestre (26 ») ..... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 78$000
Semestre (26 ») ..... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 115$000
Semestre (26 ») ..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$500

PARA VENCER AS

HEMORROIDAS

SÓ HA UM MEIO : USAR A

POMADA E OS SUPPOSITORIOS

MIDY

PRODUCTOS PARA OS QUAES NÃO HA CONTRA-INDICAÇÃO